



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Ana Margarida Penteadó Neiva Silva
Fernandes

O papel dos eventos multiculturais na promoção
do diálogo intercultural: a perceção dos
participantes

janeiro de 2021



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Ana Margarida Penteado Neiva Silva Fernandes

O papel dos eventos multiculturais na promoção do diálogo intercultural: a perceção dos participantes

Dissertação de Mestrado

Em Ciências da
Comunicação

Ramo de Investigação

Trabalho realizado sob a orientação de:

Professora Doutora Elsa Costa e Silva

janeiro de 2021

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal
CC BY-NC-SA

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Dedico esta dissertação ao meu Pai. O meu pai era um exemplo de trabalho e dedicação. Obrigada por me ensinares o que é ser forte e resiliente. Obrigada por todas as oportunidades que me proporcionaste.

A vida levou-te demasiado cedo, serás para sempre o meu ídolo e o meu protetor.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação completa o meu percurso académico. A minha passagem Universidade do Minho ficou marcada pelas amizades e pelo associativismo. A realização desta tese não seria possível sem o apoio incondicional de algumas pessoas especiais na minha vida. Desta forma gostaria de expressar o meu agradecimento.

Aos meus pais, Margarida e José, pelo apoio incondicional e constante, pela paciência e amor. Ao meu irmão, Zézé, por ser o meu companheiro de vida e um exemplo de perseverança e integridade. Tenho imensa sorte por vos ter na minha vida e por todos os momentos que me proporcionam diariamente. Vocês fizeram de mim a mulher que sou hoje.

Aos meus tios, Lúcia e Fernando, os meus segundos pais, pelo carinho e amparo constante. À minha madrinha e ao meu primo, Tiaia e Jojó, pela companhia e afeto. Desde pequena que são o meu colo e me tratam como uma filha, obrigada por apoiarem incondicionalmente o meu processo de crescimento.

A toda a minha família, por me inculcaram os melhores valores e mostrarem ânimo por cada conquista minha.

Aos meus amigos, Joana, Hugo e Gabriel, pela amizade e por serem a prova que a distância é apenas um número. À Bea, Anita e Katy pela amizade constante desde os primeiros momentos do primeiro ano da licenciatura. As conversas constantes, os risos, os momentos e a cumplicidade demarcam estas amizades. Levo-vos comigo sempre.

À Erasmus Student Network, por ter sido a minha casa durante 5 anos e me ter permitido crescer a nível pessoal e profissional.

À minha orientadora, a Professora Doutora Elsa Costa e Silva, pelo apoio, paciência e disponibilidade. A sua ajuda foi fulcral para a conclusão deste trabalho.

A todos os que se cruzaram comigo no meu percurso, contribuíram para a minha construção pessoal, direta ou indiretamente, o meu mais sincero obrigada.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO: “O PAPEL DOS EVENTOS MULTICULTURAIS NA PROMOÇÃO DO DIÁLOGO INTERCULTURAL: A PERCEÇÃO DOS PARTICIPANTES”

Na era da globalização, as trocas e interações culturais estão cada vez mais presentes nas vivências diárias das sociedades modernas. Assim, a necessidade de comunicar e estabelecer ligações entre membros de diferentes culturas, leva ao desenvolvimento de diversas estratégias para permitir a integração e partilha entre todos os indivíduos. Os eventos culturais são uma estratégia muito utilizada no ensino superior para trocas culturais, com grande aceitação pela comunidade estudantil.

Esta dissertação tem como objetivo o entendimento e aprofundamento do estudo existente sobre a multiculturalidade e o diálogo intercultural e se os eventos culturais ajudam na promoção e desenvolvimento do diálogo intercultural. Pretende este trabalho analisar a percepção que os participantes em eventos culturais têm sobre a sua participação nos mesmos e se estes são um incremento para o aumento das suas competências interculturais. O estudo é focado na comunidade de indivíduos que já realizaram experiências de mobilidade. Esta comunidade mostrou-se mais disponível à participação em eventos culturais e tem maior probabilidade de integrar interações multiculturais.

Palavras-chave: Diálogo Intercultural, Eventos, Multiculturalidade

ABSTRACT: “THE ROLE OF MULTICULTURAL EVENTS IN PROMOTING INTERCULTURAL DIALOGUE: THE PERCEPTION OF PARTICIPANTS”

In the era of globalization, cultural exchanges and interactions are increasingly present in the daily experiences of modern societies. Thus, the need to communicate and establish connections between members of different cultures, leads to the development of different strategies to allow integration and sharing between all individuals. Cultural events are a strategy widely used in higher education for cultural interaction, with great acceptance by the student community.

This dissertation aims to understand and deepen the existing study on multiculturalism and intercultural dialogue and if cultural events help to promote and develop it. This work intends to analyze the perception that the participants in cultural events have about their participation in them and if they increase their intercultural competences. The study is focused on the community of individuals who have already had mobility experiences. This community is more willing to participate in cultural events and is more likely to integrate multicultural interactions.

Keywords: Intercultural Dialogue, Events, Multiculturality

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO 1 - Interculturalidade | 4 |
| 1.1. Globalização | 4 |
| 1.2. Multiculturalismo | 5 |
| 1.3. Diálogo Intercultural | 7 |
| 1.4. Sensibilidade Intercultural..... | 9 |
| 1.5. A Mesma Língua..... | 12 |
| 1.5.1. Língua Franca | 13 |
| CAPÍTULO 2 – Erasmus+..... | 15 |
| 2.1. O Programa Erasmus+ | 15 |
| 2.2. A Geração Erasmus | 17 |
| 2.3. Educação Intercultural | 20 |
| 2.4. As Gerações Futuras..... | 23 |
| 2.4.1. Milénios | 23 |
| 2.4.2. Geração Z..... | 24 |
| CAPÍTULO 3 – Eventos | 25 |
| 3.1. Encontros Culturais | 26 |
| 3.2. Eventos Culturais..... | 27 |
| 3.2.1. Estrutura de um evento | 30 |
| CAPÍTULO 4 - INQUÉRITO..... | 32 |
| 4.1. O Público-Alvo | 32 |
| 4.2. O Inquérito | 34 |
| 4.3. Análise das Respostas | 37 |
| 4.4. Discussão dos Dados | 45 |
| CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES..... | 48 |
| CAPÍTULO 6 - REFERÊNCIAS | 50 |
| CAPÍTULO 7 - ANEXO | 56 |
| 7.1. Inquérito Online..... | 56 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Developmental Model of Intercultural Sensitivity..... | 11 |
| Figura 2 - Países dos Inquiridos | 39 |
| Figura 3 - Posicionamento dos participantes na escala de Bennett..... | 42 |
| Figura 4 - A percepção dos participantes de eventos culturais | 44 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Identificação das afirmações de acordo com a escala de Bennett | 36 |
| Tabela 2 - Género dos participantes | 38 |
| Tabela 3 - Idade dos participantes..... | 38 |
| Tabela 4 - Número de vezes que cada expressão foi utilizada nas respostas à questão sobre a preferência de utilizar inglês | 40 |
| Tabela 5 - Participação em eventos multiculturais | 43 |

INTRODUÇÃO

Com a evolução da tecnologia e das tecnologias da informação, a comunicação entre os povos tornou-se natural e recorrente. As constantes migrações e a possibilidade de viajar e de ter contacto com outras culturas, que não a do próprio indivíduo, incentivou a existência de fenómenos de globalização e de encontros interculturais. Estes fenómenos têm tendência a ser crescentes e a gerar sentimentos de cultura partilhada e globalizada, permitindo assim a vivência de indivíduos de diferentes culturas numa mesma comunidade e sociedade.

A Cultura é entendida por tudo aquilo que está afeto à nossa vida quotidiana, típico da sociedade em que vivemos, quer sejam ideias, atitudes ou até mesmo linguagens. As mudanças geradas pelos crescentes processos de globalização fazem com que o conceito de cultura seja adaptado para incluir manifestações de cultura partilhada e de interculturalidade (Brasil & Cabecinhas, 2019)

A pessoa é a expressão da sociedade em que nasce e é educada, sendo o reflexo do conjunto de costumes e particularidades experienciados numa determinada comunidade, sendo assim a expressão e a manifestação da sua cultura. Uma comunidade multicultural é composta por indivíduos de diferentes contextos culturais, por norma representados por diferentes nacionalidades e etnias. A convivência nestas comunidades pressupõe a existência de diferentes métodos de comunicação que potenciam e estabelecem ligações entre si. Nasce assim o diálogo intercultural, composto pelos processos de comunicação inerentes à necessidade de comunicar entre os participantes.

No diálogo intercultural é essencial a existência de respeito mútuo, abertura de espírito e predisposição para a partilha e validação do outro (Conselho da Europa 2008). De acordo com o modelo desenvolvido por Milton J. Bennett, *Developmental Model of Intercultural Sensitivity* (DMIS), para que o diálogo intercultural seja bem-sucedido e ocorra da melhor forma, os participantes devem ser abertos ao diálogo e possuir respeito mútuo.

O programa Erasmus+ é uma consequência da definição de uma dimensão europeia da educação (Cunha & Santos, 2017), sendo uma ótima expressão dos valores comunitários e de uma cultura partilhada pela comunidade europeia. Os participantes deste programa formam

comunidades entre si, imbuídos pelo espírito do programa, o que lhes permite e fomenta a integração nas comunidades locais.

De forma a melhorar a integração destes estudantes internacionais, estes podem participar em atividades culturais desenhadas especificamente para a partilha de culturas de forma a facilitar a sua inclusão nas comunidades. Estas atividades ou eventos, por norma preparados por organizações de lazer social, proporcionam espaços de interação, diálogo e aprendizagem. A participação dos estudantes nestes eventos pressupõe a abertura ao diálogo intercultural e a criação de ligações dentro da comunidade internacional participante nas atividades.

Torna-se assim relevante estudar estas atividades de forma a compreender qual o papel que a participação em eventos multiculturais possui na promoção do diálogo intercultural. Existe uma escassez de estudos sobre a eficácia destas atividades, sendo estas cada vez mais relevantes para as vivências de organizações sociais e programas culturais. A conjugação entre o estudo sobre a promoção do diálogo intercultural e a identificação dos participantes na escala de Bennett será fundamental para a correlação entre os dois e a compreensão se os intervenientes, possuem uma maior facilidade na construção do diálogo intercultural.

Objetivos

Nesta dissertação procuraremos responder à questão: “Qual é a perceção que os participantes de eventos multiculturais têm sobre o seu papel na promoção do diálogo intercultural?”. Serão analisados e estudados quatro objetivos específicos. Em primeiro lugar, procuraremos compreender o posicionamento dos participantes na escala de Bennett. Em segundo lugar, analisaremos a perceção que os participantes dos eventos culturais têm sobre o seu papel no desenvolvimento da comunicação intercultural. Em terceiro lugar, procuremos averiguar se os participantes consideram que o seu conhecimento cultural aumentou após a participação nestes eventos. Finalmente e em quarto lugar, procuraremos compreender se os participantes, numa situação intercultural, procuram comunicar numa língua comum.

Estes objetivos serão tratados através de uma pesquisa sobre as temáticas envolventes aos processos de globalização e da multiculturalidade, de seguida será elaborado um inquérito que será aplicado a um público-alvo de participantes do programa Erasmus+, posteriormente, serão analisadas as respostas e tiradas as devidas conclusões sobre os objetivos definidos.

CAPÍTULO 1 - INTERCULTURALIDADE

1.1. Globalização

Em 1995, John Urry constatou que as comunicações em massa e processos de internacionalização, como o turismo, ajudaram na expansão geográfica e cultural dos povos. Assim, o consumo de bens, a visão não política, a mobilidade livre de turistas, informações e imagens tornaram-se regra e essenciais para a mundividência dos povos. Isto permite que fenómenos de globalização aconteçam através do consumo de outras culturas e locais dispares, da nossa realidade. As privações da utilização de processos de globalização são crescentemente entendidas como privações de liberdade, da cidadania cultural e dos direitos humanos. A globalização pressupõe também a coexistência de diversas culturas num mesmo espaço. Sendo assim, essencial que as forças governamentais implementem sentimentos de cultura partilhada de forma a unir a sua população, dando assim o exemplo e permitindo a criação de comunidades multiculturais presentes num só país (Stevenson, 2016).

A cultura nacional de cada país será sempre a cultura primordial para cada indivíduo, no entanto, irá sofrer alterações e adaptações resultantes dos processos de globalização. A exposição aos conteúdos externos a que a população estiver sujeita pressupõe um maior contacto e desejo de consumo destes conteúdos, fazendo com que se tornem parte integrante do dia-a-dia destas sociedades, obrigando a adaptarem-se e moldarem-se face às mudanças. O fluxo de migrantes num país contribui também, significativamente, para o aumento do contacto com outras culturas, levando à necessidade de entendimento e ajustes na cultura de acolhimento de forma a acomodar estes indivíduos na cultura nacional já existente.

Nick Stevenson (2016) definiu duas esferas públicas de fluxo de informação. A primeira é a esfera nacional, que determina que toda a informação é filtrada consoante o interesse nacional no tópico, quer as notícias sejam nacionais ou internacionais, englobando assim todos os meios de comunicação nacionais. A segunda é a esfera global, que está presente na informação internacional, distinta do contexto nacional, como por exemplo notícias de guerras e documentários sobre catástrofes naturais. O conceito de uma esfera conjunta idealiza assim uma cidadania cultural globalizada que permite a existência de informação nacional e internacional. O filtro da importância política e económica, para o país em questão, estará sempre presente, tal como a necessidade de fazer atualizações sobre as grandes nações e grandes acontecimentos

onde existam interesses socioeconómicos ou que afetem a vida comum. As instituições dos media e cultura têm a responsabilidade de fornecer aos seus cidadãos e público as informações desprovidas de opiniões políticas, tornando as comunidades abertas a novas perspetivas e diferentes culturas, impulsionando assim os processos de globalização.

Estas esferas verificam-se também noutros contextos, como por exemplo o Europeu. A esfera europeia engloba todos os pertencentes ao continente europeu e está mais presente nos integrantes da União Europeia. Esta esfera tem como objetivo criar coesão dentro da União, não estando diretamente ligada com a imposição de coesão cultural, mas sim pela criação de uma comunidade conjunta com a sua própria identidade, que acresce à de cada estado membro (Stevenson, 2016).

Elizabeth Meehan (1993) identifica quatro dimensões que conceptualizam a cidadania europeia e a sua comunidade. São elas o direito a uma mobilidade livre dentro dos estados-membro, políticas sociais comunitárias, direitos civis comuns, que se sobrepõem às políticas nacionais, e a emergente ideia de padrões comuns e estandardizados para todos os cidadãos europeus. O sentido da cidadania europeia tem vindo a crescer e ser cada vez mais reconhecido pelos seus benefícios e liberdades que atribuem aos seus membros. Daniel Novera (2018) considera que o espaço europeu, nas últimas décadas, se tem identificado como um espaço de livre circulação, que incentiva o diálogo intercultural, devido principalmente aos intercâmbios estudantis.

Com a mobilidade livre e direitos civis, como a educação, estandardizados nasce o programa Erasmus+ que permite que os participantes usufruam de uma mobilidade internacional e tenham experiências educacionais em países distintos dos seus.

Na era da globalização vivida atualmente, a constante modificação e adaptação das culturas a processos ponderados e mais tolerantes abre portas para a facilitação da comunicação intercultural e da coabitação de diversas culturas, numa mesma sociedade, sem que estas se fundam inteiramente.

1.2. Multiculturalismo

A igualdade e a liberdade de expressão são pilares da sociedade atual (Santos, 1999). Sendo estes valores modernos e em constante evolução que regem e determinam os

comportamentos e as atuais vivências mundiais. Estes moldes são recentes e cada vez mais expandidos, criando assim uma comunidade mais abrangente e enriquecida culturalmente. Estas valias, aliadas aos fenômenos de globalização, convidam a uma maior interação e convivência entre culturas e povos diferentes, levando à criação de comunidades multiculturais.

O termo multicultural difere do termo intercultural na medida em que, a interculturalidade se refere a interações em que existem várias culturas ativas e presentes. Numa sociedade intercultural, todos os membros coabitam de forma harmoniosa e conjunta. Numa sociedade multicultural, existem diversas culturas, mas não interagem necessariamente umas com as outras. (Schriefer, 2016).

A multiculturalidade é definida pela existência de diversas culturas num determinado local ou nação, existindo assim sociedades multiculturais (Rosas, 2007). A necessidade da integração dos indivíduos nas culturas e vivências locais é evidente quando, entendemos as dificuldades de inclusão, que surgem ao longo de todo o processo de integração.

Para que possa existir um pluralismo cultural, é necessário que exista uma abordagem de complementaridade que visa o entendimento e a procura de pontos de vistas diferentes (Ramos, 2001). Face à era da globalização, atualmente vivida, os processos e fenômenos de comunicação internos de cada cultura têm sido adaptados e modificados de acordo com as mudanças ocorrentes, podendo estas ser tecnológicas, sociais, culturais e políticas. Na comunicação estão presentes diversos processos que, conjugados, determinam a comunicação e uma cultura. “A comunicação não se limita apenas às mensagens e interações, mas inclui também o sistema e o contexto que as torna possíveis” (Ramos, 2001).

Nátalia Ramos (2001) explora a ideia de que a cultura constitui um elemento essencial de todas as comunidades. A cultura é adquirida pelo indivíduo, de forma consciente e inconsciente, ao longo de toda a sua vida. Segundo Hall (1971), todos os componentes aprendidos em sociedade determinam uma cultura, sendo estes transpostos através de ações, pensamentos e crenças. Assim, o indivíduo é o produto da sua cultura de nascença e das experiências que vai vivenciando ao longo da sua vida.

A comunicação é um processo interativo, verbal e não verbal, que transmite não só a mensagem a ser transmitida como a relação entre os interlocutores. É também determinada pelo contexto em que se insere (Bateson, 1981, 1988), sendo um meio de transmissão de cultura,

criando um conjunto de códigos e regras característicos de cada cultura. Sendo o ser humano um ser social, que necessita da comunidade envolvente para o seu desenvolvimento pessoal, a comunicação, com toda a carga cultural que lhe é inerente, torna-se necessária e fundamental para a formação do indivíduo.

Culturas e comunidades diferentes desenvolvem formas de comunicação e simbolismos distintos. O mundo experienciado é o mesmo e, por isso, há uma facilidade de aprendizagem de línguas diferentes, não existindo assim nenhuma língua que não possa ser aprendida (Wiredu, 1995). Tendo esta capacidade, o ser humano, torna-se suscetível à comunicação intercultural, pela possibilidade de entendimento do outro.

1.3. Diálogo Intercultural

Tal como evidenciado por Natália Ramos em 2001, a comunicação intercultural apresenta diversos problemas: trata-se de uma relação entre indivíduos de grupos culturais diferentes, estando assim vários fatores subjacentes. A diferença na mundividência de cada indivíduo impacta a sua forma de comunicar e se exprimir, afetando assim a sua comunicação em contextos interculturais pois está sujeito às suas perceções. Assim, um processo fundamental é a consciencialização de que cada indivíduo possui a sua visão e perceção do mundo que o rodeia e tem experiências diferentes que o fazem exprimir-se de forma diferente. Em indivíduos da mesma cultura existe um clima de compreensão pelo outro, quando isto não se verifica, existem problemas comunicacionais obrigando o indivíduo a adaptar-se ao outro e a descentrar-se da sua cultura.

A comunicação intercultural é baseada na diferença, estando os intervenientes sujeitos ao outro com as suas vivências e experiências. A comunicação quotidiana é baseada no conteúdo exposto e não nos processos adjacentes, ajudando assim a comunicação intercultural pois descarta as diferenças nos processos e foca-se apenas no conteúdo partilhado. A crença em estereótipos, sendo eles positivos ou negativos, pode prejudicar a comunicação intercultural porque pressupõe padrões, podendo estes não serem corretos ou reais (Bennett, 1998).

O etnocentrismo, “tendência a interpretar a realidade a partir dos nossos próprios critérios e modelos culturais” (Ramos, 2001), representa uma dificuldade ao desenvolvimento de processos comunicativos. A *monoculturalidade* representada no etnocentrismo pode levar à existência de estereótipos e preconceitos que influenciam as atitudes e os comportamentos

criando barreiras à comunicação. Estas barreiras podem ser diminuídas e reduzidas quando reconhecida a existência de outras culturas, pensamentos e crenças. Pessoas com ideologias etnorelativistas tendem a apreciar outras culturas e perspectivas para além da sua, tendo um comportamento de compreensão de contextos culturais diversos (Klak & Martin, 2003). A sensibilidade na comunicação intercultural e a multiculturalidade levam à redução do etnocentrismo (Dong, et.al 2008). O etnorelativismo é o oposto do etnocentrismo e é evidente quando um indivíduo se mostra confortável com várias culturas diferentes e possui a capacidade de se adaptar a diferentes contextos (Bennett, 1998).

A sensibilidade na comunicação intercultural permite que os indivíduos que a possuam possam, mais facilmente, inserir-se em grupos multiculturais. As pessoas que têm experiências internacionais desenvolvem capacidades de consciência cultural maior, tendo níveis mais elevados de etnorelativismo (Williams, 2005).

A educação intercultural permite a dissolução de preconceitos, o desenvolvimento da sensibilidade intercultural e o entendimento de fatores que levam o indivíduo a rejeitar o que é diferente. Esta educação intercultural leva ao entendimento e reconhecimento das diferenças e de pontos de vista diferentes de cada indivíduo. A identidade de cada indivíduo e os seus processos de comunicação, premeditados ou não, são essenciais para a tomada de consciência e interpretação de novas culturas, rejeitando estereótipos e facilitando a abertura e flexibilidade das relações interculturais. O desenvolvimento de capacidades empáticas e estratégias de educação intercultural permitem a descentralização e o respeito pelo próximo, abrindo assim a sua cultura (Ramos, 2001).

Na visão do Parlamento Europeu (2016), o diálogo intercultural não é um conceito legal, não sendo regulado por nenhuma identidade nem possuindo uma definição oficial. Este diálogo intercultural é construído num quadro internacional de proteção dos direitos humanos e da diversidade cultural. O Parlamento Europeu reconhece também que o diálogo intercultural é uma ferramenta para o fortalecimento das relações democráticas e da cidadania inclusiva, despertando sentimentos de inclusão e melhorando a democracia. Em 2005 a Cimeira de Chefes de Estado e do Governo da União Europeia, reconheceu o diálogo intercultural como um meio de garantir a integração e a coesão da sociedade, sendo um método de promoção da compreensão e da tolerância. Considera-se, assim, o diálogo intercultural uma partilha de ideias aberta entre

indivíduos que possuam origens diferentes, sendo essencial para a preservação da liberdade dos intervenientes.

Alguns autores e órgãos governamentais, entre eles Júlia Alves Brasil e Rosa Cabecinhas em 2019, o Parlamento Europeu em 2016 e o Conselho da Europa em 2008, concordam que, para que o diálogo intercultural seja realizado de forma eficaz, é essencial existirem interações positivas, que seja promovida a compreensão e o respeito mútuo e que exista respeito pela democracia, pelos direitos humanos e tolerância pelos valores culturais universais e específicos. Para que o diálogo tenha sucesso, é fundamental que haja abertura de espírito, vontade de dialogar e capacidade de resolver conflitos de forma pacífica, promovendo um diálogo livre de estereótipos e preconceitos (Conselho da Europa, 2008). Num diálogo estruturado entre indivíduos, é necessário que exista partilha de culturas de forma respeitosa e que se possibilitem transformações de conhecimento em ambos os intervenientes (Brasil & Cabecinhas, 2019).

1.4. Sensibilidade Intercultural

A sensibilidade intercultural é a capacidade de experienciar e distinguir diferenças culturais relevantes. O contacto com diferentes culturas é fulcral para o desenvolvimento de sensibilidade intercultural, exercendo assim o processo de autorreflexão e aprendizagem sobre si próprio (Aba, 2016). Ao exercitar esta reflexão, os indivíduos estão a entender as suas características vistas como externos à sua cultura, permitindo assim perceber de uma forma mais aprofundada os seus comportamentos e particularidades distintivas da sua cultura.

A competência intercultural é a capacidade de um indivíduo de se adaptar e moldar o seu pensamento e as suas ações a contextos interculturais. Tal como a sensibilidade intercultural, estas podem ser adquiridas através da educação e da exposição a ambientes multiculturais. Assim, entendemos que, quanto maior for a sensibilidade intercultural de uma pessoa, maior será a sua competência intercultural, que lhe permitirá viver em sociedades multiculturais e ajustar-se com maior facilidade a contextos diferentes dos seus (Bennett, 2003).

A cultura objetiva é a estrutura histórica, política e económica específica de uma cultura. A cultura subjetiva são as características psicológicas e comportamentais adjacentes a cada cultura. Ambas são importantes para o desenvolvimento da competência intercultural, sendo a segunda essencial para uma boa comunicação intercultural (Bennett, 1998).

Milton Bennett (1998) desenvolveu o *Developmental Model of Intercultural Sensitivity* (DMIS). Este modelo discrimina seis fases num continuum nas quais o indivíduo se pode situar, podendo evoluir ou regredir na escala. Este continuum apresentado em espectro de seis fases, sendo nas primeiras três fases o indivíduo etnocêntrico e nas últimas três o indivíduo etnorelativo. Por norma, as pessoas não regredem na escala, podendo, por vezes, isto acontecer em situações específicas de choques culturais negativos. Geralmente, as visões mais etnocêntricas estão associadas a formas de evitar diferenças culturais, ao negar a sua existência, defender-se contra as mesmas e minimizar a sua importância. As visões mais etnorelativas, estão associadas a formas de procurar diferenças culturais, seja pela aceitação da sua importância, pela adaptação ou pela integração nas mesmas (Hammer, et.al, 2003).

As fases são:

- 1º - Negação:
 - O indivíduo não considera como é que a cultura afeta a sua vida, podendo fazer comentários ignorantes face a outras culturas.
 - Podem dizer expressões como: “Desde que falemos a mesma língua não há problema.” e “Viver e deixar viver.”
- 2º - Defesa:
 - O indivíduo considera que a sua cultura é melhor e superior às outras, pondo outras culturas de lado.
 - Podem dizer expressões como: “Porque é que as outras pessoas não falam a mesma língua que eu?” e “Quando visito outras culturas percebo o quão melhor a minha é!”
- 3º - Minimização:
 - O indivíduo minimiza as diferenças que possam existir e reconhece todas as culturas como iguais.
 - Podem dizer expressões como: “Se as pessoas forem honestas, vão reconhecer que alguns valores são universais.” e “Alguns costumes podem ser diferentes, mas no fundo são como nós.”
- 4º - Aceitação:
 - O indivíduo reconhece que existem culturas, contextos e vivências diferentes, tentando assim aprender com as diferenças.

- Podem dizer expressões como: “As pessoas de outras culturas são diferentes em maneiras que nunca tinha pensado.” e “Num programa de mobilidade estudantil, todos os alunos têm de estar cientes de diferenças culturais evidentes.”
- 5º - Adaptação:
 - O indivíduo altera os seus comportamentos de forma intencional com vista à sua adaptação a outras culturas e a encontrar um meio-termo.
 - Podem dizer expressões como: “De forma a resolver esta situação terei de mudar a minha abordagem.” e “Num programa de mobilidade estudantil, todos os alunos devem adaptar-se a pelo menos algumas diferenças culturais.”
- 6º - Integração:
 - O indivíduo abraça a multiculturalidade e faz esforço para a sua integração em qualquer ambiente, não se identificando apenas com uma cultura.
 - Podem dizer expressões como: “Todos os locais podem ser como casa se soubermos o suficiente sobre os mesmos.” e “A minha capacidade de tomada de decisões é reforçada pela possibilidade de ter como referência diferentes contextos.”

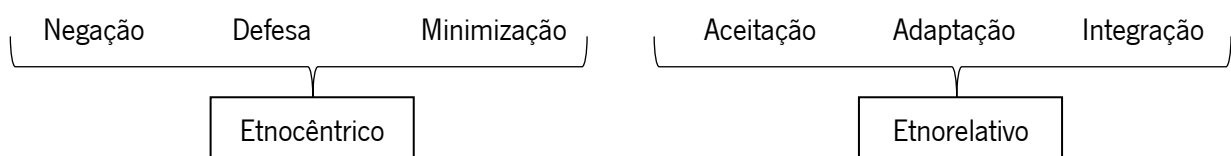


Figura 1 - Developmental Model of Intercultural Sensitivity

Em 2003, David Straffon desenvolveu um estudo sobre a sensibilidade intercultural de estudantes do secundário de uma escola internacional. Neste estudo, foi verificada a suposição que estes estudantes teriam um nível superior de sensibilidade intercultural por estarem em contacto com estudantes de mais de 40 nacionalidades. O estudo foi feito em duas fases: um questionário com 60 perguntas a 336 alunos, e entrevistas a 13 alunos. Foi possível concluir, que estes estudantes, possuem uma sensibilidade intercultural elevada, tendo apenas uma pequena percentagem tendências etnocêntricas. Foi também verificado que a exposição prolongada a estas

culturas diferentes permite um nível maior de sensibilidade, ou seja, quantos mais anos os estudantes permanecerem na escola mais alto será o seu nível.

1.5. A Mesma Língua

A adaptação da língua é um dos fatores chave para o sucesso de uma comunicação eficaz. A falta de conhecimento em línguas estrangeiras pode atuar como uma barreira no sucesso de uma comunicação intercultural (Aba, 2016). A língua utilizada maioritariamente na comunicação multicultural é o inglês. Infelizmente, nem todos os indivíduos possuem conhecimentos suficientes para uma comunicação fluente e rápida, permitindo que a mensagem entre os interlocutores seja clara e perceptível. A língua serve como uma ferramenta de comunicação, representando também um sistema de pensamento (Bennett, 1998).

A Comissão Europeia realizou em 2005 um estudo de opinião pública denominado de *Europeans and Languages*, no qual analisou a linguagem dos estados membros da União Europeia. Neste Eurobarómetro, é possível observar que apesar do inglês ser a língua, não materna, mais conhecida na União Europeia (cerca de 34% de reconhecimento), apenas 50% da população fala outro idioma que não o seu. Assim, é imprescindível que se reconheça a necessidade de comunicar numa língua comum para facilitar e promover a comunicação.

Os estudantes ao abrigo do programa Erasmus+ possuem maioritariamente conhecimentos médios ou elevados da língua inglesa, uma vez que é fundamental o domínio da mesma para poderem assistir às aulas e fazer os seus intercâmbios. O inglês tornou-se um elemento facilitador na interação e comunicação estudantil.

Na comunicação multicultural, estão presentes diversos fatores que podem dificultar o entendimento do recetor que não possua a mesma nacionalidade que o emissor. A cultura comunicacional pode ser um fator divergente nas relações multinacionais, sendo que o tom de escrita e fala poderá influenciar a informação que se quer transmitir. Culturas diferentes comunicam de formas diferentes. Os coloquialismos e os discursos anedóticos são um fator a evitar, pois raramente, são entendidos e podem gerar situações desagradáveis de desentendimentos (Ramos, 2001).

Ernest Geller, em 1983, salientou a necessidade da universalização da língua em sociedades avançadas e multiculturais de forma a que todos possam comunicar entre si, sem que

exista uma barreira linguística. É essencial que os serviços e os processos comunitários sejam reformulados e adaptados para possibilitar e uniformizar a comunicação de todos os habitantes dessa comunidade. A adaptação não pressupõe o anulamento da cultura do país, esta será sempre a primária, coexistindo com as outras culturas presentes.

1.5.1. Língua Franca

Uma língua franca é uma língua única utilizada por uma comunidade multilingue de forma a que todos os intervenientes possam comunicar entre si e estabelecer interações. Assim, a utilização do inglês como língua franca é uma prática comum nas comunidades internacionais. Esta determinação nasce da necessidade de comunicar com indivíduos que falam uma língua diferente, sendo esta já existente desde o tempo do colonialismo (Berns, 2009). A língua inglesa é utilizada por muitos meios multiculturais como meio de comunicação, sendo identificada como língua para comunicação e não para identificação (House, 2003).

O receio de que o inglês retire os traços culturais que estão adjacentes a qualquer língua é compreensível nas populações que não têm como língua materna o inglês. Na sua maioria, os falantes de inglês como língua franca não têm as mesmas competências que um nativo, pois apenas utilizam a língua como uma ferramenta e não como uma característica. Assim, os participantes destas interações, por norma, são mais tolerantes aos erros linguísticos e diferenças apresentadas pelos outros intervenientes (House, 2003). O respeito mútuo está na base destas interações, criando assim um clima de consideração e tolerância pelas restantes culturas, não permitindo o anulamento da cultura de identificação.

Na União Europeia, todas as línguas, cerca de 24, dos seus estados membros são línguas oficiais. O não reconhecimento de apenas uma ou duas línguas como oficiais, ou seja, a não utilização do inglês ou francês como língua franca, pode dificultar e por vezes atrasar a comunicação entre os estados membros. Por outro lado, a expressão em várias línguas permite a existência de uma cultura internacional permitindo que cada país se expresse na sua língua de identificação. No entanto, dado o vasto conhecimento da língua inglesa pela população mundial, esta é utilizada pela maioria como a língua de comunicação, pois permite interações mais rápidas e menos complexas, evitando-se, assim, aguardar pelas traduções oficiais, pois por vezes estas são vistas como versões do original. Atualmente, o inglês já é utilizado em diversos níveis de

educação, tendo o seu uso aumentado, exponencialmente, devido à crescente internacionalização da população estudantil na maioria das universidades, incentivados por políticas europeias como o programa Erasmus+ (Berns, 2009).

No final do século 19, foi concebida uma língua que poderia ser universal e utilizada por todos os povos, o esperanto. Ludwik Zamenhof, fluente em 11 línguas, criou a língua de forma a que esta se tornasse universal, não existindo assim nativos da mesma. Atualmente, já existem vários falantes de esperanto, no entanto e até ao momento não se apresenta como concorrente na utilização do inglês. O inglês é utilizado como língua de comunicação por ser amplamente conhecida, oferecendo forte resistência à utilização de esperanto (Bohne, 2012).

Apenas uma pequena percentagem da comunicação realizada é verbal, por isso entender todos os aspetos adjacentes à comunicação não verbal é essencial para compreender acontecimentos em interações interculturais (Bennett, 1998). Entre os diversos indicadores da comunicação não verbal conseguimos identificar: o tom de voz, o volume, a velocidade de fala e também a linguagem corporal, estes fatores são exemplos de importantes indicadores comportamentais e culturais dos intervenientes.

CAPÍTULO 2 – Erasmus+

Vivendo numa era de acelerada globalização, é importante estudar as gerações futuras de forma a entender os seus comportamentos e a forma como estão conectados com os fenómenos correntes. A visão de uma cidadania global é baseada na ideia em que a exposição a diferenças culturais contribui para o alargamento dos horizontes culturais. A educação, quando demonstra interações entre culturas, através de diversos programas de mobilidade, proporciona uma importante ferramenta para a idealização de um mundo intercultural. Assim, o estudo no estrangeiro permite que os estudantes diminuam os estereótipos através do contacto com culturas subjetivas e diferentes (Bennett, 2012).

O estudo focado na geração Erasmus permite identificar se as experiências interculturais têm efeito na sua sensibilidade intercultural.

2.1. O Programa Erasmus+

Contando já com quase 35 anos de existência o programa Erasmus+, promovido e financiado pela Comissão Europeia, já proporcionou a mais de cinco milhões de estudantes a oportunidade de realizarem um período de mobilidade, que consiste na realização de estudos ou estágio fora do seu país, por um período entre 6 meses a um ano. Estes estudantes têm idades entre os 18 e os 30 anos, sendo a idade média os 22 anos.

No estudo, *Erasmus Impact Study* de 2017 – 2019, foram obtidas cerca de 77 mil respostas. Neste estudo, é possível analisar e identificar diversos fatores nos quais a experiência Erasmus foi relevante na vida do indivíduo. Neste projeto é referido que mais de 70% dos participantes consideraram que têm um maior conhecimento sobre o caminho profissional que querem percorrer. Um em cada cinco encontrou o seu parceiro amoroso durante o período de mobilidade. Nove em cada dez estudantes afirma ter melhorado a sua capacidade de colaborar com pessoas de diferentes culturas, de comunicar e de resolução de problemas. O programa Erasmus+ é reportado como sendo o programa de mobilidade que possui o maior impacto no desenvolvimento pessoal e social e na abertura para outras culturas dos seus participantes.

O programa encontra-se estruturado em 3 ações-chave. A ação-chave 1, mobilidade individual, engloba as oportunidades fornecidas a estudantes e professores que queiram ter uma

experiência de mobilidade noutro país. A ação-chave 2, cooperação para a inovação e o intercâmbio de boas práticas, que trata o desenvolvimento de parcerias estratégicas transnacionais de forma a desenvolver iniciativas conectadas com a educação e a juventude. A ação-chave 3, apoio à reforma das políticas, compreende a promoção e apoio ao desenvolvimento de políticas no domínio da educação e da juventude. Para além destas três ações existem, também, as atividades Jean Monnet mais voltadas para o apoio na investigação de estudos europeus. Estas atividades pretendem fomentar o diálogo sobre políticas europeias entre estudantes e os respetivos políticos e a compreensão do posicionamento da União Europeia nos fenómenos de globalização e a promoção do diálogo intercultural. Para além de todas as atividades referidas anteriormente o Erasmus+ tem também uma vertente de apoio ao desenvolvimento do desporto, promovendo parcerias com outras instituições e também a organização de eventos desportivos sem fins lucrativos.

Para participar no programa Erasmus+ o indivíduo terá de ser estudante, professor ou pessoal não-docente numa instituição que possua parcerias de intercâmbio, podendo realizar a sua mobilidade estabelecendo um acordo entre as duas instituições. Estas instituições têm de se encontrar no espaço da União Europeia ou ser um dos mais de cinquenta países vizinhos ou parceiros da UE.

Estando estes participantes deslocados da sua realidade, cultura e país, torna-se essencial apoiar a sua inclusão no país de acolhimento, facilitando-lhes a realização da mobilidade. Existem diversas instituições que apoiam a sua integração e desenvolvem atividades para permitir que estes possuam experiências exponenciadas.

Na visão do Parlamento Europeu (PE) (2016), a participação de estudantes e profissionais de educação em programas de mobilidade permite a construção de um mundo melhor em que os participantes possuem experiências de diálogo intercultural aberto. O PE também enfatiza a importância do Erasmus+ como um instrumento de criação de sentimento de pertença e abertura no diálogo intercultural, melhorando as suas experiências e a sua empregabilidade.

Daniel Novera (2018) considera que as mobilidades representam uma mais valia e um meio para o estudante desenvolver a tolerância, o respeito e a compreensão face ao outro e à diferença. Possibilita, também, a existência de trocas culturais entre os participantes, sendo estas essenciais na construção de sociedades com diversos processos comunicacionais interculturais. No período de mobilidade, os indivíduos têm a possibilidade de compreender e aprender símbolos,

normas e representações sociais que gerem a experiência coletiva através dos processos de socialização, ajudando no papel de consciencialização e identificação das sociedades que se identificam pela multiculturalidade.

Existem diversas associações de lazer que desenvolvem atividades para públicos multiculturais, sendo a Erasmus Student Network (ESN) uma delas. É uma organização sem fins lucrativos, com mais de 30 anos, com o objetivo máximo de apoiar os estudantes internacionais. Conta com mais de 500 associações presentes em cerca de 40 países e com mais de 15 mil voluntários. Tem como missão, até 2025, tornar-se a rede global da Geração Erasmus e providenciar oportunidades de desenvolvimento pessoal a mais de 2 milhões de estudantes. Portugal possui 14 associações locais em 15 cidades, contando com uma associação na ilha da Madeira.

2.2. A Geração Erasmus

Inicialmente, o programa Erasmus foi desenvolvido com vista à elevação e criação do sentido de identidade europeia em cada estudante. Assim sendo, estes tornar-se-iam europeus exemplares, capacitados para trabalhar em instituições europeias e embaixadores do projeto Europa para os seus pares, surgindo assim gerações menos nacionalistas e mais abertas à interculturalidade. Atualmente, para além dos objetivos iniciais, o programa é visto como promotor do desenvolvimento pessoal, um benefício para a empregabilidade futura do estudante e também um impulsionador da inclusão social. O estudante Erasmus aparece assim como um cidadão global capacitado para trabalhar em ambientes multiculturais e inclusivos (Cairns, 2017).

O programa promove a inclusão de todos os estudantes, de forma a que todos os que queiram participar o possam fazer. Em Portugal, em que as bolsas tendem a ser reduzidas e por vezes não suficientes, vão gerar dificuldades financeiras levando a que muitos estudantes não possam participar neste programa. Outro fator preponderante na pouca participação dos estudantes portugueses é o receio e insegurança ao escolher outro país e outra “casa” para realizar os seus estudos deixando o conforto das suas raízes. O valor dos fundos atribuídos é calculado através do número de estudantes *outgoing* do ano anterior. É importante que os Instituições de Ensino Superior (IES) mantenham os números de estudantes e consigam aumentar

o número de parcerias de intercâmbio, de forma a garantir e aumentar o valor dos fundos europeus atribuídos (Cairns, 2017).

A participação dos estudantes em programas de mobilidade é também muitas vezes motivada pela participação dos seus pares. Através de exemplos de experiências positivas de amigos e conhecidos, os estudantes podem sentir-se influenciados a participar. O nível de estudos académicos do seu agregado familiar pode também ser um impulsionador para a participação dos estudantes em programas de mobilidade. Por outro lado, a existência de crises financeiras e taxas elevadas de desemprego no país surtem o efeito contrário, levando a níveis mais baixos de mobilidades (González et. al, 2010). Estudantes com dificuldades financeiras tendem a fazer o programa com um objetivo de melhorar as futuras oportunidades de emprego enquanto que os outros tendem a participar pela experiência em si (Kzaklewska & Krupnik, 2008).

No que diz respeito à motivação e escolha do país para os períodos de mobilidade, são diversos os motivos que influenciam essa opção. Assim, é de destacar o custo de vida do país, a qualidade da rede de transportes públicos, a proximidade com o país de origem, a língua falada e a qualidade e prestígio da Instituição de Ensino Superior onde vai realizar estudos. Existe também uma tendência para escolher países com um clima mais agradável e quente, nomeadamente países do sul da Europa. A escolha do país fundamentada no seu clima demonstra um lado novo da mobilidade que é uma mobilidade também feita por lazer. O estudante vai procurar alargar a sua experiência muito para além da parte académica (González et. al, 2010).

Países com uma população maior terão também uma maior população de estudantes internacionais *incoming*. Esta correlação deve-se ao facto de estes possuírem um maior número de população e por consequência de IES, tendo assim uma maior capacidade de acolher estudantes internacionais. À medida que a população do país aumenta é normal que a sua população internacional aumente de forma proporcional (González et. al, 2010).

A Erasmus Student Network realiza anualmente um questionário divulgado por todos os países e associações pertencentes à sua rede. O ESNSurvey é o maior projeto de pesquisa europeu planeado e realizado inteiramente por estudantes e para estudantes. Partindo do questionário de 2007, Ewa Krzaklewska e Seweryn Krupnik escreveram um artigo em 2008, no qual exploram diversos aspetos observados no relatório final do inquérito. Concluíram que, o programa Erasmus é inclusivo, mas os participantes são oriundos de famílias com um grau de formação mais elevado. Os estudantes sentem-se mais satisfeitos com a sua vivência, no país, do que com os

estudos realizados. Os participantes mostraram-se mais satisfeitos com a dimensão social da sua estadia, do que com a dimensão de resolução de problemas. No entanto, estudantes internacionais pertencentes a outros programas de mobilidade que não o Erasmus, mostraram-se mais satisfeitos com a dimensão de resolução de problemas. A dimensão social foi indicada como a maior influência para uma experiência positiva, compensando assim qualquer dificuldade que possa ter sido encontrada ou vivida. É possível concluir que estes estudantes possuíram mais oportunidades no desenvolvimento das suas capacidades interculturais através dos contactos e experiências sociais que tiveram.

Neste inquérito elaborado aos estudantes, em que lhes foi perguntado qual o aspeto mais importante que aprenderam, com a experiência de mobilidade, foram agrupadas as respostas em cinco categorias:

- Aquisição de competências e conhecimento culturais;
- Maturidade e desenvolvimento pessoal;
- Redes sociais;
- Enriquecimento académico;
- Valor de descoberta e exploração de novas oportunidades.

Os participantes declararam identificar-se maioritariamente como globais (89,2%) ou Europeus (86,8%), sendo a nacionalidade menos significativa. Cerca de 91% dos estudantes manteve contacto com os seus amigos de mobilidade e cerca de um terço dos mesmos fez visitas e encontros após o período de mobilidade. Os estudantes que se identificaram como cidadãos globais têm tendência a manter contacto de amizade e confraternização entre pares de mobilidade. Os inquiridos avaliaram a sua experiência com os estudantes locais relativamente a baixo da sua satisfação em comparação com o contacto com outros estudantes de mobilidade.

No ESNSurvey 2008: Exchanging Cultures, os estudantes demonstraram um grau de satisfação semelhante à do questionário anterior no que diz respeito ao nível da educação e das interações sociais. Os estudantes reportaram também que a sua estadia os tornou mais confiantes, flexíveis, tolerantes e abertos ao diálogo. Indicaram também ter aprendido a comunicar e interagir com diferentes culturas e ter adquirido conhecimentos de valores específicos de cada cultura. Estudantes com um período de mobilidade maior criaram redes sociais maiores. Alguns estudantes expressaram sensações de isolamento, desenvolvendo sentimentos negativos face à cultura local. Os estudantes referem a comunicação em várias línguas, mas indicam o inglês

como principal língua de comunicação entre grupos de estudantes internacionais. O progresso feito no conhecimento da língua local foi significativamente maior face ao progresso feito no conhecimento da língua inglesa.

O sucesso da experiência de mobilidade está muitas vezes associado ao desenvolvimento e satisfação pessoal do estudante, isto é, se adquiriu competências que o permitem ser mais independente e confiante (Messelink, et. al, 2015).

2.3. Educação Intercultural

Atualmente, há empregadores que já procuram trabalhadores com competências multiculturais, capazes de integrar equipas interculturais e que possuam capacidades de inclusão. Estas competências são geralmente associadas às experiências de mobilidade, pois podem ser obtidas através das mesmas, ainda que nem sempre isto se verifique (Holmes, et. al 2015). A valor das experiências internacionais recai sobre a capacidade do indivíduo de refletir e expressar os conhecimentos aprendidos, podendo assim adicionar ao seu currículo como uma mais valia e novas competências (Messelink, et. al, 2015). Compreende-se assim a importância da existência da educação intercultural. A educação intercultural vem apoiar o desenvolvimento destas competências. O apoio antes, durante e após a mobilidade é fulcral para a consolidação de aprendizagem que podem passar despercebidas se não forem exploradas (Holmes, et. al 2015).

O Projeto *Intercultural Education Resources for Erasmus Students and their Teachers* (IEREST) vem colmatar a necessidade de consolidação das competências deficitárias recolhidas no período de mobilidade. Este projeto é Europeu, demorou 3 anos a ser concluído (2012 a 2015) e é cofinanciado pela Comissão Europeia e pelo *Lifelong Learning Programme* (LLP). O projeto é um conjunto de módulos de aprendizagem que devem ser facultados aos estudantes antes, durante e após a sua experiência de mobilidade. Estes módulos foram desenhados de forma a que os participantes possam usufruir ao máximo do seu período de mobilidade e consigam entender o seu crescimento pessoal e desenvolver consciencialização intercultural.

Os grupos-alvo do projeto são os professores de educação intercultural no ensino superior, os estudantes que interessados em programas de mobilidade e os *stakeholders*, incluindo IES e outros parceiros.

O programa está desenhado em 10 atividades diferenciadas distribuídas em três módulos. O programa foi delineado da seguinte forma:

- 1º Módulo:
 1. Percepções de si mesmo e dos outros;
 2. Círculo de estudo anti-discriminação;
 3. Explorar a narrativa em contextos de mobilidade intercultural;
 4. Conhecer outros no estrangeiro;
- 2º Módulo:
 1. Vida de Erasmus 24h;
 2. Geografia intercultural;
 3. Experienciando (interculturalidade por meio de) voluntariado
- 3º Módulo:
 1. Trazer a interculturalidade de volta para casa
 2. Um, dois, muitas ... experiências Erasmus
 3. Mobilidade estudantil para além do académico.

Num artigo desenvolvido por P. Holmes, L. Bavieri e S. Ganassin em 2015, os autores exploraram as perspetivas dos estudantes e professores na educação intercultural no período prévio à mobilidade. A sua análise mostrou que os estudantes beneficiaram do programa, permitindo que estes desenvolvessem competências de entendimento intercultural. Os estudantes demonstraram um nível baixo de sensibilidade intercultural e os seus interesses eram orientados por aspetos específicos culturais. Ao longo do programa, os participantes desenvolveram competências de autoconhecimento e de autorreflexão e progressivamente foram adquirindo, também, sensibilidade intercultural.

Os autores do artigo fazem três reflexões sobre o estudo. A primeira indica que os Gabinetes de Relações Internacionais devem previamente fornecer informações práticas e logísticas, de forma a que tendo estas questões resolvidas rapidamente, os participantes estarão mais abertos para as interações interculturais. A segunda indica que o processo de partilha de informação, sentimentos e emoções e o acompanhamento da autorreflexão são importantes para o desenvolvimento do autoconhecimento, devendo assim os programas prévios ter atividades de interação direta. Em terceiro lugar, indicam que os alunos demonstraram querer ter mais atividades de acompanhamento e mentoria, sendo assim necessário um acompanhamento mais

próximo do estudante a um ritmo mais lento quando estes assuntos abordados num contexto de sala de aula.

Diler Aba (2015) refere que a avaliação de competências interculturais é importante no ensino superior, pois permite a avaliação da eficácia dos programas de internacionalização de cada instituição, no entanto não é fácil estudar este tema. Aba definiu 6 categorias que apoiam a análise destas competências nos estudantes: prontidão, abertura, orientação para a solução, flexibilidade comportamental, confiança nas interações e sensibilidade intercultural. Reitera ainda a importância da implementação de ferramentas que apoiem a mobilidade.

Ramiro Durán Martínez, Gloria Gutiérrez, Fernando Beltrán Llavador e Fernando Martínez Abad realizaram um estudo, em 2016, com a colaboração de estudantes espanhóis e ingleses que realizaram períodos de intercâmbio. Neste artigo, é referido que, apesar de poderem ser oferecidas ferramentas para o estudo e desenvolvimento de competências interculturais, por norma, os cursos académicos de línguas estrangeiras possuem um contacto mais facilitado com culturas diferentes, uma vez que as línguas aprendidas trazem outros conhecimentos culturais associados. Neste estudo, os estudantes consideravam ter menos conhecimentos sobre assuntos internacionais. No entanto e após a sua experiência, todos os estudantes consideram ter aumentado e melhorado os seus conhecimentos internacionais. Os inquiridos mostraram-se recetivos a comunicar, interagir e aprender sobre a cultura de acolhimento, embora expressassem alguma precaução face a algumas dificuldades que possam encontrar com a adaptação a costumes diferentes dos seus. No inquérito pós-mobilidade, os participantes apresentaram uma maior abertura e recetividade para alterar os seus comportamentos de acordo com as comunidades locais, mostrando crescimento na aquisição de competências interculturais.

A experiência internacional dos inquiridos revelou ter contribuído para o aumento das suas aptidões para interagir de forma apropriada na cultura local e um interesse maior para comunicar na língua local. Após o período de mobilidade, os estudantes apontaram também maior conhecimento sobre o país e cultura de acolhimento, capacidade de autorreflexão e reconhecimento de características que podem causar problemas de comunicação. Os inquiridos assumem ter ganho mais e melhores competências de comunicação intercultural.

Neste estudo, é concluído que, a maioria dos participantes demonstrou os mesmos sentimentos positivos face ao país de acolhimento no início e no fim da sua mobilidade. O grupo priorizou o desenvolvimento das suas competências linguísticas e considerou que a resolução de

mal-entendidos foi o seu maior problema. Apresentaram um crescimento significativo na medida da sensibilidade intercultural. Os resultados mostram aspetos positivos das experiências de mobilidade, mas também uma necessidade evidente de que os estudantes sejam estimulados a desenvolver as suas competências interculturais antes de embarcarem num período de mobilidade.

2.4. As Gerações Futuras

Tendo em conta o que atrás foi referido, e a necessidade de preparar as gerações futuras de estudantes para a mobilidade, entende-se que as novas gerações já estarão mais sensibilizadas para a temática da comunicação intercultural. Daí, serem os estudantes internacionais atuais considerados a geração Y e Z. Estes caracterizam-se por serem nativos da tecnologia e da internet, nasceram rodeados das mesmas e de todas as oportunidades que elas proporcionam (Bolton et. al. 2013). Utilizam as novas tecnologias para comunicar e preferem incorporar o *multitasking* do seu dia-a-dia nas diversas plataformas tecnológicas. Utilizam as redes sociais como todas as outras gerações, mas de uma forma mais intensa e duradoura. Tratando-se de uma comunidade internacional existem diversos fatores que podem influenciar a utilização destas redes.

Os grupos geracionais são grupos de indivíduos nascidos num certo período de tempo que vivenciam o mesmo ambiente, quer cultural quer histórico na mesma faixa etária. Por norma, organizam-se por incrementos de 20 anos (Young & Hinesly, 2012).

2.4.1. Milénios

Os Milénios, ou Geração Y, são uma geração que nasceu nos anos oitenta e noventa, tornando-se adulta no início do século 21. Embora os anos identificativos não sejam consensuais por todos os estudiosos, existem diversas variações na data de mudança de geração. Para o propósito desta dissertação, irei considerar o período de tempo entre 1980 e 2000.

Segundo Amy M. Young e Mary D. Hinesly, os milénios são identificáveis por terem nascido no desenvolvimento da tecnologia, fazendo com que tenham mais experiência na área do que as gerações anteriores, estando sempre conectados à mesma. São uma geração aberta à mudança

e à diversidade, revolucionários em diversos temas, estando assim mais abertos a experiências multiculturais.

2.4.2. Geração Z

A Geração Z, ou *Gen Zers*, são compostos por indivíduos que nasceram após a geração milénio, não sendo consensual a sua data de início, porém, esta situa-se maioritariamente entre 1996 e os anos 2000, tendo o seu fim entre 2014 ou a atualidade. Para o propósito desta dissertação iremos considerar o espaço entre 2000 e 2020.

Os Gen Zers nasceram rodeados de tecnologia sendo a primeira geração a não ter conhecimento da realidade antes da era dos telemóveis e computadores. São a geração mais conectada ao mundo virtual e mais independente no uso da tecnologia, na procura de informação e no processo de decisão (Dimitriou & AbouElgheit, 2019). A capacidade de atenção das gerações, com a evolução da tecnologia, tem vindo a diminuir, sendo a Geração Z a que possui a menor capacidade de concentração. Este fator, faz com que estes desenvolvam capacidades de *multitasking* elevadas dedicando pouco tempo a cada tarefa diferente. Tal como os milénios, são muito abertos à mudança e a experiências imersivas multiculturais.

CAPÍTULO 3 – Eventos

Com o crescimento do número de estudantes que escolheram realizar parte dos seus estudos superiores em contexto de mobilidade, cresceu também o número de eventos especificamente dirigidos a esta comunidade. Com o objetivo de contribuir para a integração destes estudantes internacionais, foram desenhadas atividades culturais especificamente orientadas para a partilha de culturas. Estas atividades ou eventos, por norma preparados por organizações de lazer social, proporcionam espaços de interação, diálogo e aprendizagem. A participação dos estudantes nestes eventos pressupõe a abertura ao diálogo intercultural e a criação de ligações dentro da comunidade internacional participante nas atividades.

Existem organizações de lazer social, como a ESN, que organizam eventos de diversas índoles, com objetivos constituídos assentes em seis pilares: a inclusão social, cultura, competências e empregabilidade, sustentabilidade ambiental, saúde e bem-estar e a juventude e educação. Estas atividades são organizadas pelos voluntários tendo sempre em vista a melhor inclusão dos estudantes estrangeiros na comunidade local e estudantil do país que os recebe. Dentro destes seis pilares estão incluídas atividades como jantares internacionais em que cada país tem a oportunidade de levar comida tradicional e os seus trajes tradicionais. Incluem-se ainda visitas guiadas pelas cidades, em que os participantes podem passar a conhecer um pouco da cultura histórica da cidade que escolher como casa, ou atividades desportivas, como torneios de futebol e corridas em conjunto. Há ainda debates sobre temáticas internacionais que impactuam a vida dos estudantes e também atividades em que os estudantes se deslocam a escolas secundárias e partilham as suas experiências e vivências.

Estes eventos têm uma expressão significativa. Por exemplo, no ano de 2017/18, a ESN Portugal organizou cerca de 650 eventos anuais a nível nacional, sendo que cerca de 80% tinha propósitos culturais. Estes eventos são organizados por todas as associações nacionais e contaram com cerca de 11 500 participantes. Nestes eventos, os participantes tiveram a oportunidade de partilhar a sua cultura e interagir com outros estudantes de mobilidade e locais. Assim, estes eventos integram o que se pode chamar de encontros culturais, um conceito que descreve diferentes modalidades de interações culturais.

3.1. Encontros Culturais

Uma das consequências da globalização é o aumento de encontros culturais. Em 2011, Gerard Delanty afirmou que o estudo dos encontros culturais tem sido ignorado pelos académicos, sendo este um tema muito abrangente e fulcral para as interações multiculturais. Delanty categorizou seis tipos de encontros culturais que podem acontecer nas sociedades atuais.

O primeiro é denominado de choque de culturas, caracterizado por uma colisão entre duas culturas diferentes. Este choque pode ocorrer devido ao facto de nunca ter havido contacto prévio entre essas culturas. Este contacto, quando não mediado e quando os intervenientes não se demonstram abertos ao diálogo e à compreensão, gera oposição, desrespeito e indiferença resultando, muitas vezes, em confrontos violentos.

O segundo é designado de divergência cultural, caracterizado pela diferenciação cultural. Esta diferenciação pode levar à segregação de uma comunidade com uma cultura diferente, podendo assim gerar confrontos com a cultura local.

O terceiro é denominado de assimilação cultural, caracterizado pelo domínio de uma cultura por outra. Uma cultura identificada como mais frágil, por diversos motivos como por exemplo a possuir menos membros dessa comunidade, pode ser absorvida por uma mais predominante. Esta situação de superior de uma comunidade cultural leva, muitas vezes, a que a cultura subjugada desapareça ou que os seus elementos entrem em conflito.

O quarto é designado de coexistência pacífica, caracterizado pela vivência harmoniosa de várias culturas numa mesma sociedade. Esta coabitação não indica a não existência de discórdias, estas podem surgir por incompatibilidades, mas serão resolvidas de forma pacífica e não conflituosa.

O quinto é denominado de difusão ou adaptação cultural, caracterizado pela crescente ligação de culturas. Nesta ligação, ocorrem processos de adaptação e adoção de aspetos de cada cultura, esbatendo as diferenças culturais pré-existentes, aumentando assim a convivência em sociedade.

O sexto é designado de fusão cultural, caracterizado pela junção de culturas diferentes. Desta união, surge uma nova cultura composta por elementos significativos das culturas abrangidas, onde todos os elementos da comunidade partilhem dos mesmos ideais culturais.

Estes seis tipos de encontros culturais não são sequenciais nem únicos, podem ser misturados e adaptados. Os últimos três têm tendência para ocorrerem de forma sequencial, existindo sempre a possibilidade iminente de reverter a interação para experiências mais negativas.

No último tipo de encontro de fusão cultural, existem várias consequências que podem ocorrer. Delanty enumera as seguintes consequências: homogeneização cultural, polarização cultural, hibridização e unidade na diversidade. A homogeneização cultural não é fácil de ocorrer podendo levar à perda de culturas. A polarização identifica a dificuldade em coexistir com outras culturas. A hibridização resulta da mistura de culturas, sendo que estas se adaptam mutuamente. A unidade na diversidade é o objetivo máximo de sociedades multiculturais por se tratar de uma ideia holística, coexistindo de forma harmoniosa com respeito mútuo pela cultura do outro e sem a presença de uma cultura dominante. A União Europeia é um bom exemplo da unidade na diversidade, sendo que todas as culturas coabitam um espaço comum de forma harmoniosa, respeitando e mantendo a individualidade de cada um e de cada povo e sem dominância de nenhuma cultura.

Num estudo realizado em 2012, por Prue Holmes, foi possível atestar que os encontros interculturais permitiram que os participantes em estudo desenvolvessem competências de autoavaliação, empatia, autorreflexão e comunicação intercultural. Nestes encontros, os participantes conseguiram desenvolver autoconhecimento e explorar as suas características culturais através do conhecimento e da comunicação com indivíduos de outras culturas, desenvolvendo também a sua competência intercultural.

3.2. Eventos Culturais

Um evento é um qualquer acontecimento propositado em que se supõe uma organização logística prévia e estratégica. Poit (2006) definiu três dimensões para analisar e definir eventos: a sua categoria (institucional e promocional), as áreas de interesse (desportivo, cultural, educacional, etc) e os tipos (congressos, convenções, etc). Existem diversos tipos de eventos, tendo Waldir Ferreira (1997) identificado os seguintes: congresso, convenção, feira/exposição, festival, visita, workshop, bolsa de contratação, fórum, seminário, simpósio, curso, assembleia, mesa redonda e painel.

Estes acontecimentos, quando multiculturais, criam em si espaços simbólicos e criativos, em que os participantes vão ter a oportunidade de se confrontarem com as diferenças dos outros, criando assim espaços de interação social (Liu, 2012). Em 2018, Sarah R. Gordon e Mwarumba Mwavita realizaram um estudo sobre a dimensão internacional no currículo de estudantes universitários através da avaliação da sua sensibilidade intercultural. Este estudo foi realizado a 259 estudantes universitários em duas fases. Uma fase inicial entre agosto e setembro e uma fase final em novembro e dezembro, de forma a ser possível comparar as suas respostas no início e no final do semestre. O inquérito aplicado era constituído por 24 questões e 5 subcategorias. Os participantes tinham de avaliar numa escala de 1 a 5, sendo 1 discordo fortemente e 5 concordo fortemente. Foi possível concluir que a participação em vários eventos culturais, no mínimo 4, teve uma influência direta no desenvolvimento de capacidades de sensibilidade intercultural nos estudantes.

Eventos culturais são acontecimentos em que a cultura ou a partilha da mesma são o foco da atividade. Segundo Yi-De Liu (2012), os eventos culturais podem contribuir para o desenvolvimento e enriquecimento da cultura do país, pois incentivam a comunidade local a agir em prol da mesma. A existência de eventos culturais é fulcral para as interações e integração dos indivíduos em comunidades multiculturais, criando espaços abertos e climas de respeito entre os participantes. No Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural, lançado pelos Ministros de Negócios Estrangeiros do Conselho da Europa (2008), é referido que as atividades culturais são vistas como facilitadoras das expressões culturais e contributivas para a tolerância, o respeito e a compreensão mútua.

O convívio e a forma como este afeta as comunidades multiculturais é um tema recente, sendo também fruto dos fenómenos de globalização atual. No entanto, este termo de “convívio” surgiu associado às experiências pluriculturais em 2004 com Paul Gilroy. O convívio é um fenómeno que permite a coexistência de diversas culturas num mesmo local sem que estas se separem pelos seus grupos identificativos (Valluvan, 2016), criando assim o conceito de comunidade não associados a características prévias.

As organizações sociais de lazer são, por norma, conduzidas pelo convívio e pela existência de interação dos seus participantes. Os participantes, abertos a estas interações e atividades, possuem uma tolerância superior face ao próximo, fazendo estes parte do mesmo espaço, estando assim conscientes da presença do outro e das suas diferenças (Neal et. al, 2019). Os indivíduos

que participam ativamente em acontecimentos de organizações sociais de lazer demonstram características em comum de interesse pelo tema desenvolvido por estas, tendo como fim comum o proveito da atividade em si, criando assim climas de conexão e de produção de partilha, tal como sugerido por Neal, Bennett, Cochrane e Mohan em 2019 no estudo *“Community and Conviviality? Informal Social Life in Multicultural Places”*. A criação destas comunidades exige processos diferentes dos habituais para a designação da mesma, não sendo necessária a existência de características em comum para além da escolha de pertencer às mesmas e da presença de um gosto comum pelo tema (Wills, 2016).

Os eventos culturais podem promover a resolução de problemas sociais a nível local ou até mesmo global. Encontros culturais organizados são eventos programados minuciosamente, tendo várias variáveis, o tempo, o local, as tarefas e as interações e atividades que vão ser desenvolvidas. Estas variáveis podem ser mais ou menos rigorosas, dependendo do contexto institucional em que se inserem. É importante que, em encontros interculturais, as atividades aproximem fisicamente os participantes e permitam que estes possuam experiências que desmistifiquem estereótipos e crenças pré-concebidas. Na interpretação da postura corporal e simbólica, os indivíduos, por vezes, possuem símbolos religiosos e etnográficos, evidenciando as suas diferenças culturais e religiosas, é fulcral para o entendimento do outro. Na tentativa de resolução de problemas sociais, que surgem fora do ambiente dos encontros culturais, existe o risco de piorar os problemas pré-existentes. É necessário precaver situações que possam ser problemáticas, tendo em conta que cada um indivíduo possui as suas mundividências e pensamentos próprios (Christiansen, et. al 2017).

Com a era da globalização existe, também, uma crescente tendência na produção de eventos como forma de atração turística de uma cidade. Esta necessidade de criação constante leva a que as experiências possuam uma intensidade cada vez maior e proporcionam sensações emocionais, e por vezes físicas, nos seus participantes. Esta intensidade pode levar a uma maior integração cultural do seu público internacional (Davies, et. al 2015).

Num evento cultural, como por exemplo um festival, podem ocorrer diversos tipos de comunicação. Karen Davies, Caroline Ritchie e Dewi Jaimangal-Jones (2015) destacam três tipos de comunicação intercultural que podem ocorrer durante estes eventos culturais. São elas: a comunicação verbal – como por exemplo a conversação e as letras musicais; a comunicação escrita – como por exemplo os materiais publicitários, indicativos ou qualquer outro tipo de

informação escrita; e a comunicação não verbal – como por exemplo as melodias, danças, símbolos, roupa ou aparência física. Entendemos assim, que os eventos são espaços complexos temporais finitos que possuem uma importante conotação social e cultural para todos os que neles participam, seja na sua construção ou no seu consumo (Davies, et. al 2015).

Em comunidades acadêmicas, torna-se essencial compreender os fatores que podem alterar as experiências dos participantes em eventos culturais. Numa pesquisa realizada por Cassandra Colvin, Simone Volet e Farida Fozdar (2014) foi realçada a importância dos estudantes locais no contributo para os eventos culturais, sendo que estes estão envolvidos diretamente nestes, através das suas vivências académicas. Nesta pesquisa foi possível concluir que a experiência internacional é diretamente afetada pelos antecedentes culturais dos participantes. Foi possível, também, concluir que as estratégias internacionais devem ser desenhadas tendo em conta os antecedentes culturais do seu público, de forma a acomodar as suas necessidades e garantir assim o futuro sucesso dessas mesmas estratégias. De forma a criar uma educação inclusiva, a cultura não deve ser removida das estratégias. Esta remoção não permite a criação de espaços verdadeiramente interculturais nem que existam interações relevantes para os estudantes (Colvin, et. al 2014).

De forma a que possam ser desenvolvidos eventos culturais significativos para estas comunidades é importante compreender qual é o grau de motivação que estes possuem para participar. Este grau de motivação irá determinar o seu estilo de participação que por sua vez irá delimitar a forma como estes interagem no evento, interferindo assim no desenvolvimento da sua sensibilidade intercultural. Sendo assim, quanto mais motivados os participantes se encontrarem maior será o desenvolvimento da sua sensibilidade intercultural (Davies, 2017).

Assim, é fundamental estruturar os eventos de forma a torná-los apelativos para os participantes de maneira a que estes possam usufruir ao máximo e participar ativamente, desenvolvendo assim as suas competências interculturais.

3.2.1. Estrutura de um evento

No desenvolvimento e implementação de qualquer evento, tendo ele as características que tiver, existe uma base que pressupõe a existência de quatro fatores: objetivo, local, data e público-alvo. Após determinados estes quatro fatores a estratégia de implementação, alinhada com

uma estratégia de comunicação, podem evoluir. Depois da realização do evento torna-se importante desenvolver mecanismos de obtenção de *feedback* e a criação de relatórios que documentem todos os aspetos relacionados com o mesmo. Desta forma é possível consultar a informação recolhida e também refletir sobre o evento realizado e tirar conclusões sobre o mesmo. A gestão de eventos é semelhante e interliga-se com a gestão de projetos, sendo cada evento um projeto em si, envolvendo recursos humanos, monetários e logísticos. Assim, é possível aplicar estratégias e metodologias na organização de eventos, facilitando o trabalho, tornando-o mais metódico e estruturado.

Mariângela Silva (2020) desenvolveu um modelo de planeamento e organização para eventos. Este modelo é composto por 4 fases, sendo elas:

- Fase 1 - Levantamento de Informação:
 - Consiste na elaboração de um esboço do plano estratégico do evento. Este esboço deve conter uma descrição da natureza do evento, análise situacional, um estudo de viabilidade orçamental e uma proposta orçamental e também um cronograma do evento.
- Fase 2 - Planeamento e Organização:
 - Consiste na produção do evento face ao planeamento efetuado atempadamente. Iniciar por fazer uma análise do plano efetuado previamente e definir uma estratégia de planeamento de tarefas consoante a sua prioridade.
- Fase 3 – Execução:
 - Consiste na implementação de todas as tarefas planeadas antecipadamente, tendo estas de ser acompanhadas e monitorizadas cuidadosamente de forma a que tudo corre de acordo com o planeado.
- Fase 4 – Avaliação e Providências Finais:
 - Consiste no encerramento do evento, com o fecho de contas e os contratos e também de recolha de *feedback*. A avaliação deve percorrer todo o desenvolvimento do projeto, sendo comum no final ocorrer uma avaliação mais aprofundada através de relatórios. Deve ser feita uma compilação de todos os dados estatísticos e informativos relativos ao evento, tendo como objetivo a melhoria de futuras atividades.

CAPÍTULO 4 - INQUÉRITO

De forma a poder consolidar o trabalho e cumprir com os objetivos do mesmo, foi realizado um inquérito a pessoas que participaram no programa Erasmus+. Este inquérito foi aplicado por via *online* e traduzido para inglês de forma a que todos os intervenientes conseguissem responder às questões de forma clara. Com o objetivo de atingir o maior número de estudantes, este inquérito foi divulgado, via email, por toda a comunidade académica da Universidade do Minho, via *Facebook* no grupo da comunidade de voluntários de toda a rede da *Erasmus Student Network* internacional, que conta com cerca de treze mil voluntários, e também em cerca de 5 grupos de *Facebook* de ex-participantes do programa a nível nacional, cada um com à volta de 300 membros.

4.1. Metodologia

Neste estudo optamos por escolher uma metodologia do tipo quantitativa de forma a compreender as perceções dos participantes sobre diversas temáticas. Realizamos também um estudo qualitativo, analisando o conteúdo da resposta aberta, na pergunta que questiona o motivo pelo qual os participantes preferem ou não comunicar na língua inglesa. Assim, conseguimos compreender a perceção que os participantes possuem face à sua participação em eventos multiculturais e face à escala de Bennett. Foi administrado um questionário online a uma amostragem não probabilística acidental. O questionário foi aplicado a uma amostragem não probabilística acidental, que é composta por elementos de um subgrupo específico que têm características e vivências em comum (Freixo, 2009).

Um questionário é, por norma, composto por um conjunto de perguntas que possibilitam o estudo de atitudes e opiniões dos inquiridos. Este ajuda a controlar os dados obtidos pois são recolhidos de forma mais rigorosa. O investigador utiliza esta ferramenta como forma de confirmar uma ou várias hipóteses de investigação. A utilização de um questionário como técnica quantitativa permite estudar medidas objetivas, características específicas dos indivíduos, e subjetivas, como opiniões, valores, intenções de comportamento, etc (Freixo, 2009), tal como é pretendido neste estudo. Os questionários distinguem-se da sondagem de opinião pois visam a verificação de hipóteses teóricas (Campenhoudt, 1995).

Existem dois tipos de questionário, o questionário de administração indireta, em que o investigador completa o questionário através das respostas que lhe são fornecidas pelo inquirido

e o questionário de administração direta, em que é o próprio inquirido a preencher o questionário (Campenhoudt, 1995). Neste caso, foi escolhido o questionário de administração direta via formulário online.

O questionário é o instrumento mais utilizado na recolha de informações este pode ser composto por perguntas de resposta aberta ou fechada. Por um lado, as questões de resposta aberta apoiam o pensamento livre e original, permitem uma maior variedade e representatividade nas respostas, o inquirido pode pensar mais sobre a questão de forma a equacionar a sua resposta e permitem que o investigador recolha informação mais variada sobre o tema. Por outro lado, as questões de resposta aberta dificultam a categorização e organização de respostas, permite que o inquirido disponha de mais tempo para responder às questões e a má interpretação da pergunta pode levar a uma resposta não fidedigna. As perguntas de resposta fechada, por um lado, permitem que a resposta do inquirido seja rápida, que a análise de respostas seja rápida e simplificada, permite também uma fácil categorização das respostas e também uma fácil interpretação da questão. Por outro lado, pode existir uma dificuldade em elaborar as possíveis respostas para uma questão, não estimula a originalidade de resposta, o inquirido não tem de dispor de elevada concentração e o inquirido terá de optar por uma resposta que se aproxime da sua opinião, podendo esta não ser uma representação fidedigna (Freixo, 2009). No caso particular deste estudo, foi decidido utilizar maioritariamente perguntas de resposta fechada, de forma a facilitar a análise das respostas, apenas foi utilizada uma pergunta de resposta aberta de forma a que a recolha de respostas fosse variada.

4.2. O Público-Alvo

Os estudantes internacionais que participaram em programas de mobilidade, como o programa Erasmus+ entre outros, tiveram a oportunidade de vivenciar comunidades verdadeiramente multiculturais, compostas pelos estudantes de todos os cantos do mundo que fazem mobilidade. Estes estudantes tiveram oportunidade de partilhar saberes, valores e tradições e absorver essas mesmas características das culturas de outros estudantes. Isso permite-lhes uma visão diferente de qualquer outro cidadão que não tenha a mesma oportunidade.

4.3. O Inquérito

O inquérito foi desenvolvido de forma a poder procurar uma resposta à questão de investigação: “Qual é a perceção que os participantes de eventos multiculturais têm sobre o seu papel na promoção do diálogo intercultural?”. O inquérito foi administrado por via *online*, sendo elaborado através do *Google Docs*.

Foi desenvolvido em 4 blocos de questões. O primeiro bloco visa a caracterização dos inquiridos, com cinco perguntas: a idade, género, país de origem, se falam alguma língua para além da sua língua materna e se preferem comunicar em inglês em ambientes internacionais. Na idade foram disponibilizadas 4 opções: 18-25; 26-35; 36-45 e Mais de 45. No género três opções: feminino; masculino e outo. No país de origem os participantes poderiam escolher uma de três opções: País pertencente à União Europeia; País pertencente ao Continente Europeu e País fora da Europa, seguido de um espaço de questão aberta um espaço de questão aberta para que fosse possível escreverem o nome do seu país. Na questão, se falam alguma língua que não a materna, foram indicadas duas respostas: sim e não, tendo no fim uma questão aberta que permitia especificar quais as línguas que falam para além da materna. E por último, foram também disponibilizadas duas opções de resposta para a pergunta – Num contexto internacional, prefere comunicar em inglês? - sim ou não, tendo de seguida uma pergunta de resposta aberta de forma a que os participantes pudessem justificar a sua escolha.

O segundo bloco visa o entendimento da experiência internacional dos participantes. A primeira questão interroga se participou no programa Erasmus+, caso a resposta a esta questão for negativa existe uma segunda que questiona sobre a participação noutro programa de mobilidade. Caso a resposta a esta última questão fosse negativa o formulário dar-se-ia por concluído. No caso de ser afirmativa, segue-se uma questão para especificar qual o programa que frequentaram.

O terceiro bloco foca-se numa breve perceção da sensibilidade intercultural dos participantes. Foram apresentadas 12 afirmações, inseridas de acordo com a escala de Bennett, tendo 6 afirmações etnocentristas e 6 etnorelativistas. Sendo elas:

1. "As long as we speak the same language there is no problem."
2. "My biggest problem is navigating cities and ordering from restaurants."
3. "When I visit other cultures, I realize how much better mine is!"

4. "My culture should be a model for other cultures."
5. "Some customs may be different, but deep down they are like us."
6. "No matter what people's culture is, the motivations are almost always the same."
7. "In a student mobility program, all students must be aware of evident cultural differences."
8. "I always try to learn about a country's culture before visiting it."
9. "In a student mobility program, all students must adapt to at least some cultural differences."
10. "I can maintain my values and behave in a culturally appropriate way."
11. "All places can be like home if we know enough about them."
12. "In an intercultural world, everyone needs to have an intercultural mindset."

Estas afirmações foram retiradas do *Developmental Model of Intercultural Sensitivity* (DMIS) desenvolvido por Milton J. Bennett em 1998. As primeiras seis afirmações indicam uma visão etnocentrista e as últimas seis uma visão etnorelativista.

Existem duas frases para cada uma das seis fases identificadas por Bennett, sendo essa distribuição da seguinte forma:

| | | |
|------------------------|-------------|--|
| ETNOCENTRISMO | Negação | "As long as we speak the same language there is no problem." |
| | | "My biggest problem is navigating cities and ordering from restaurants." |
| | Defesa | "When I visit other cultures, I realize how much better mine is!" |
| | | "My culture should be a model for other cultures." |
| | Minimização | "Some customs may be different, but deep down they are like us." |
| | | "No matter what people's culture is, the motivations are almost always the same." |
| ETNORELATIVISMO | Aceitação | "In a student mobility program, all students must be aware of evident cultural differences." |
| | | "I always try to learn about a country's culture before visiting it." |

| | | |
|--|------------|---|
| | Adaptação | "In a student mobility program, all students must adapt to at least some cultural differences." |
| | | "I can maintain my values and behave in a culturally appropriate way." |
| | Integração | "All places can be like home if we know enough about them." |
| | | "In an intercultural world, everyone needs to have an intercultural mindset." |

Tabela 1 - Identificação das afirmações de acordo com a escala de Bennett

Os participantes tinham de expressar a sua concordância com as frases, numa escala de Concordo Completamente, Concordo, Não concordo nem discordo, Discordo, Discordo Completamente.

Esta identificação apenas permite uma primeira análise exploratória do possível posicionamento dos participantes. Não é possível uma análise individual real de cada indivíduo, já que para uma análise real seria necessário um estudo mais aprofundado das temáticas. O objetivo deste estudo exploratório é traçar um quadro geral do posicionamento dos participantes e as tendências que estes apresentam enquanto grupo.

No quarto bloco, tentamos perceber a perceção dos participantes no diálogo intercultural. Esta etapa é composta por 3 perguntas. A primeira é sobre a sua participação em eventos multiculturais durante o período de mobilidade. Os inquiridos têm quatro opções de resposta: sim, entre 1 e 5; sim, entre 5 e 10; sim, mais do 10 e não. No caso de resposta negativa estes têm a oportunidade de justificar a sua resposta por extenso. Na segunda questão, foi inquirido se nestes eventos os participantes tiveram a oportunidade de interagir com pessoas de outras culturas. Existia uma resposta afirmativa e uma negativa, com oportunidade de justificar a negativa.

De seguida são apresentadas 18 afirmações que pretendem avaliar as interações que os participantes experienciaram nos eventos multiculturais. Essas afirmações indicam comportamentos e acontecimentos positivos e negativos que podem ser característicos de interações multiculturais, permitindo identificar a existência ou não de um bom diálogo intercultural e de uma apreciação positiva das experiências.

Existiam 11 afirmações com conotação positiva e 7 com conotação negativa. Sendo elas:

1. I am more open to new cultures.
2. I have a desire to dialogue and listen to others.
3. I did not respect cultural differences in the other.
4. I improved my ability to recognize the validity of the other's arguments.
5. I created a greater respect for other cultures.
6. I did not allow the other to express themselves freely.
7. I have a greater tolerance towards the difference in others.
8. I have a greater knowledge of other cultures.
9. I felt excluded from the dialogue.
10. I increased my tolerance for specific and universal cultural values.
11. I did not make emotional connections.
12. I experienced feelings of greater belonging and inclusion in the community that was not my own.
13. I shared my culture.
14. I don't think I learned about other cultures.
15. I made an effort to communicate in a common language.
16. I forcibly dominated interactions.
17. Participating in a multicultural event encouraged my participation in more.
18. I did not adapt my behavior towards the other.

As expressões positivas estão associadas às afirmações: 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10,12, 13, 15 e 17 e as negativas às afirmações: 3, 6, 9, 11, 14, 16 e 18. Os participantes tinham de expressar a sua concordância com as afirmações, numa escala de Concordo Fortemente, Concordo, Não concordo nem discordo, Discordo, Discordo Fortemente.

4.4. Análise das Respostas

Foram obtidas 190 respostas ao inquérito. A recolha foi iniciada no dia 18 de novembro e o formulário online foi encerrado no dia 10 de dezembro.

Os participantes eram maioritariamente jovens na faixa etária dos 18 aos 25 anos (64,2%), seguidos da faixa etária dos 26 aos 35(30%), seguindo a distribuição determinada na tabela 2. O género feminino (68,9%) encontra-se em maioria face às outras opções disponíveis.

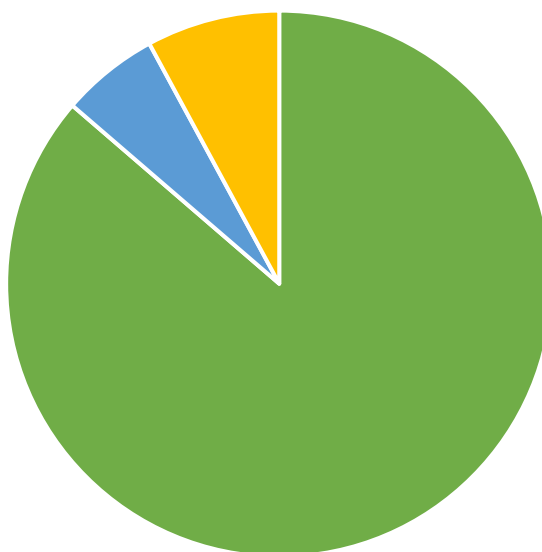
| Item | Nº | % |
|--------|-----|------|
| Female | 131 | 68,9 |
| Male | 58 | 30,5 |
| Other | 1 | 0,5 |

Tabela 2 - Género dos participantes

| Idade | Número de participantes | Percentagem% |
|------------|-------------------------|--------------|
| 18-25 | 122 | 64,2 |
| 26-35 | 57 | 30 |
| 36-45 | 8 | 4,2 |
| Mais de 45 | 3 | 1,6 |

Tabela 3 - Idade dos participantes

Os participantes são maioritariamente provenientes de países pertencentes à União Europeia (86%), seguido de país fora da Europa (8%) e por fim os países pertencentes ao continente Europeu (6%). Estes eram pertencentes a 23 países diferentes, sendo o país com mais representantes Portugal (140 inquiridos, 73,7%). Os restantes representantes eram: do Brasil (4,2%), Itália (2,6%), Turquia (2,1%), Polónia (1,6%), Hungria (1,6%), Croácia (1,1%), Holanda (1,1%), Bélgica (1,1%), Suécia (1,1%), Bulgária (1,1%), Grécia (1,1%), Roménia (1,1%), Ucrânia (1,1%), República Checa (1,1%), Sérvia (0,5%), Reino Unido (0,5%), Somália (0,5%), Timor-Leste (0,5%), Irlanda (0,5%), Alemanha (0,5%), Columbia (0,5%), Cabo-Verde (0,5%) e Palestina (0,5%).



■ Países pertencentes à União Europeia ■ Países pertencentes ao Continente Europeu ■ Países fora da Europa

Figura 2 - Países dos Inquiridos

Quando questionados sobre se falam outra língua que não a sua, 96,3% dos estudantes responderam de forma afirmativa. Foram identificadas 24 línguas distintas e faladas pelos participantes. A língua falada e identificada com maior frequência foi o inglês, sendo esta nomeada por cerca de 177 participantes (96,7%), em seguida o espanhol com 92 participantes (50,3%). Outras línguas não maternas faladas pelos participantes: francês (28,4%), português (10,9%), alemão (15,3%), italiano (9,3%), russo (3,3%), holandês (2,7%), chinês (1,6%), esloveno (1,6%), dinamarquês (1,1%), finlandês (1,1%), croata (1,1%), búlgaro (1,1%), árabe (1,1%), sueco (0,5%), suaili (0,5%), turco (0,5%), japonês (0,5%), indonésio (0,5%), polaco (0,5%), húngaro (0,5%), luxemburguês (0,5%), ucraniano (0,5%), papiamentu (0,5%).

Em contextos internacionais, por norma, é utilizada a língua inglesa como língua de comunicação. Quando questionados sobre a sua preferência em utilizar esta língua para comunicar, os estudantes mostraram concordância. Assim, 93,2% dos participantes responderam de forma afirmativa e apenas 6,8% de forma negativa. Foi pedido que os inquiridos justificassem as suas respostas. Nas respostas negativas, foi indicado que não preferem comunicar em inglês ou não se sentem confortáveis no domínio do inglês ou porque preferem comunicar na língua mais comum a todos os intervenientes nas situações multiculturais.

Nas respostas positivas (comunicar em inglês), foram salientados diversos motivos pelos quais os participantes preferem usar o inglês como meio de comunicação. Nas 177 respostas afirmativas, a justificação mais indicada referia que comunicar em inglês era mais fácil por ser uma língua universal e amplamente reconhecida por todas as culturas e com a qual se sentem mais

| Expressão | Nº de vezes referida |
|------------------|----------------------|
| Fácil | 52 |
| Língua Universal | 26 |
| Confortável | 21 |
| Língua Comum | 12 |
| Mais inclusiva | 7 |

Tabela 4 - Número de vezes que cada expressão foi utilizada nas respostas à questão sobre a preferência de utilizar inglês

confortáveis em comunicar. Os inquiridos mostraram também abertura para comunicar noutras línguas caso essa fosse a vontade do grupo internacional. O inglês foi também apontado como uma língua universal, global, internacional, multicultural e também como língua franca. Destaco algumas respostas dos inquiridos abaixo que servem como amostragem e representativas das respostas dos restantes participantes:

- “By using English you don’t exclude people.”
- “Nowadays, English is the language most people, apart from their mother language, speak, so it's easier, in an international context to communicate in English, so everyone can understand and don't feel apart. However, if I am in a group where everyone speak the same language as I do, and it is not English, I will speak that one too. I believe we use English because is the "international language", but it can be another one, if everyone around can understand.”
- “When I am in an international context I like to communicate in a way that everyone (or the most possible amount of people) can understand what I say and we can have fruitful conversations where we are able to discuss several topics and get to know each other. I also appreciate when other people try to communicate in English in an international context.”

- “It is just the lingua franca in most cases.”
- “I feel more internationalized when I speak English with people from abroad.”
- “Every reliable source of information is in English.”
- “Generally I prefer to communicate in english, however in my two erasmus experiences I was speaking the official language of the country where I was, in this case French and after Spanish.”
- “O inglês tem-se tornado um meio de comunicação bastante importante ao longo da nossa evolução, chegando mesmo a tornar-se uma língua mais universal, falada por milhões de pessoas em todo o mundo. Prefiro que a comunicação seja feita em inglês para que todas as pessoas presentes consigam adquirir conhecimentos do assunto em questão.”

Nestas respostas, é possível identificar um sentimento comum de familiaridade com a língua, por esta fazer parte do currículo da escolaridade obrigatória na maior parte dos países. Por isso, as camadas mais jovens começam muito cedo a familiarizarem-se com uma língua comum e amplamente utilizada. Sendo assim, é compreensível que os participantes se sintam mais confortáveis em utilizar a língua. Em situações internacionais, os inquiridos demonstram abertura para comunicar noutras línguas que não o inglês caso essa seja a vontade do grupo em que se inserem, preferindo assim uma comunicação mais inclusiva.

Dos 190 inquiridos apenas 70,5% afirma ter participado no programa de mobilidade Erasmus+, dos restantes 29,5% apenas 14,3% afirma ter participado noutros programas de mobilidade. Participaram em programas de mobilidade internacional um total de 142 inquiridos. Fora o programa Erasmus+ os participantes indicaram ter participado em experiências internacionais como o programa Comenius, programas de intercâmbio e formação juvenil, o programa CAE, um programa de bolsas associado ao Campus Mundi Húngaro, programa de intercâmbio no ensino secundário e como curiosidade um participante refere que já não habita no seu país de origem desde os 10 anos de idade.

Na questão 3, é feita uma breve apreciação do posicionamento dos participantes na escala do *Developmental Model of Intercultural Sensitivity*, de Milton J. Bennett. As respostas dos participantes mostraram-se consensuais com o que seria expectável por terem participado em experiências multiculturais. Estes demonstraram uma maior concordância com as afirmações identificativas de comportamentos etnorelativistas. Mostraram uma maior discordância e incerteza nas afirmações relativas aos comportamentos etnocentristas.

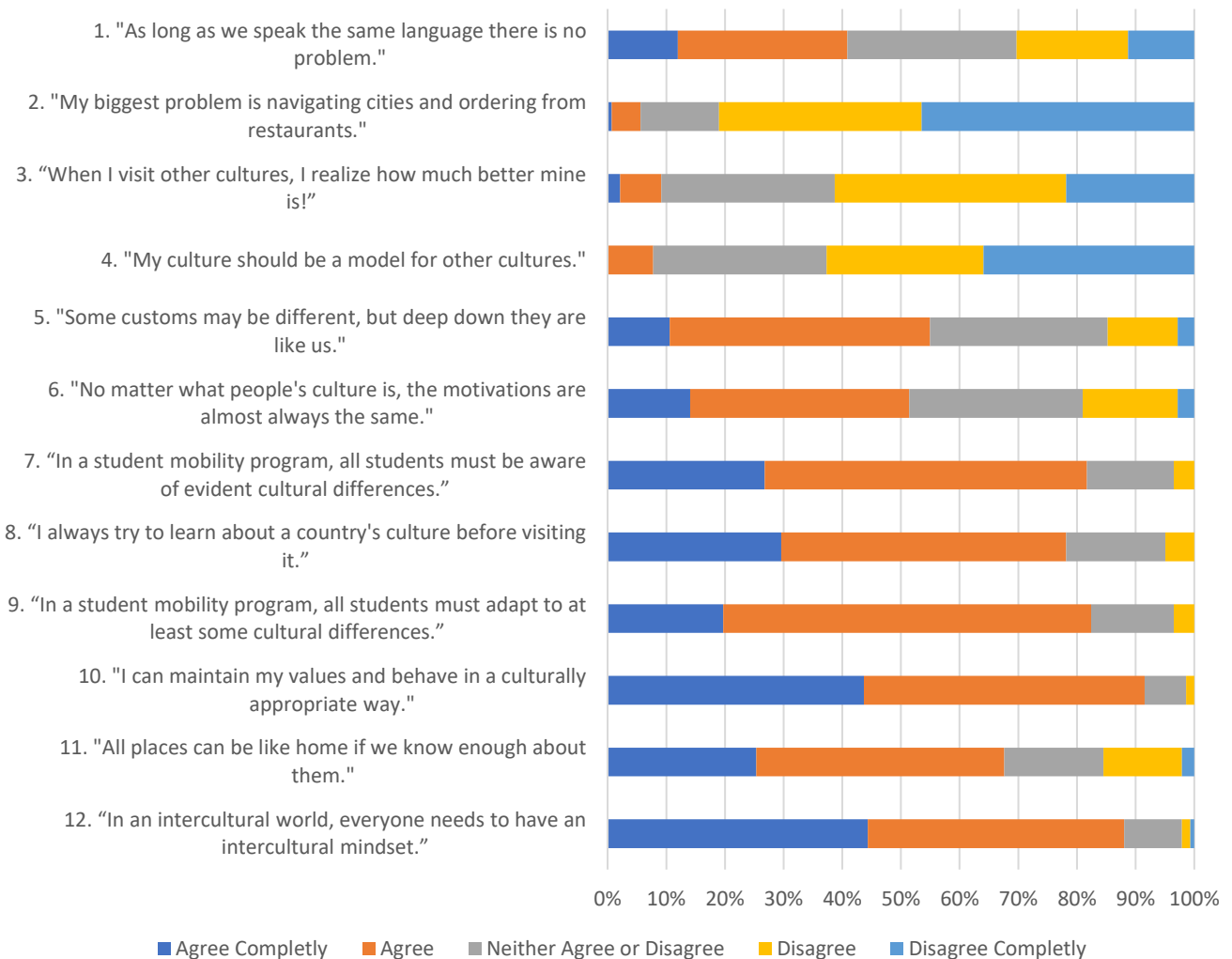


Figura 3 - Posicionamento dos participantes na escala de Bennett

Nas afirmações etnocêntricas 2, 3 e 4 é clara a discordância dos participantes para com as mesmas, enquanto que na frase 1 este desacordo já não é evidente. Sendo a afirmação 1 uma que gera dúvidas nos participantes, 28,9% destes classifica com não concordo nem discordo e 28,9% a concordar. Nas afirmações 5 e 6 os participantes demonstram concordar com as

mesmas, sendo assim perceptível que se identificam com afirmações ligadas à fase de minimização.

Nas afirmações etnorelativas 7, 8, 9, 10, 11 e 12 existe uma clara concordância dos inquiridos para com as expressões disponibilizadas. Estas afirmações possuem sempre percentagem de discordância abaixo dos 14%, indicando assim, que os participantes dão primazia e maior relevo ao lado etnorelativo da escala. Assim, podemos considerar que o grupo em estudo possui tendências que apontam para a facilidade dos participantes em interagir e participar em acontecimentos multiculturais.

Na questão 4, os inquiridos foram questionados sobre a sua participação em eventos multiculturais. Apenas 2,8% dos inquiridos afirmou não ter participado em eventos multiculturais, sendo as justificações o período de mobilidade reduzido devido à pandemia gerada pelo surto da

COVID-19. Os restantes participantes afirmaram ter participado em eventos multiculturais, 52,8% dos quais afirmam ter participado em mais de 10 eventos. As respostas seguem a disposição demonstrada na tabela 5.

| Resposta | Nº | % |
|-------------------|----|------|
| Sim, entre 1 e 5 | 31 | 21,8 |
| Sim, entre 5 e 10 | 32 | 22,5 |
| Sim, mais de 10 | 75 | 52,8 |

Tabela 5 - Participação em eventos multiculturais

Quando questionados sobre a oportunidade de interagir com outras culturas nesses eventos, os participantes, e de forma unânime, afirmaram que tiveram a oportunidade de interagir com outras culturas.

De forma a avaliar a perceção dos participantes sobre a sua participação em eventos multiculturais, estes classificaram as expressões da forma como aparece descrita no gráfico 3. Nas afirmações com conotação positiva os participantes mostraram concordar com as mesmas e nas negativas o inverso ocorreu, tendo os participantes discordado com as mesmas. Isto indica que as experiências vivenciadas por estes participantes foram, de forma geral, positivas.

Todas as afirmações possuem concordância de resposta superior a 50% por parte dos inquiridos, seja a resposta positiva ou negativa. A única afirmação que possui uma maior disparidade nas respostas é a afirmação número 16 – “I forcibly dominated interactions.”. Os participantes mostraram-se divididos na resposta a esta afirmação, 37% discorda fortemente, 25,4% discorda, 29% não concorda nem discorda e 8% concorda. A afirmação com mais unanimidade na resposta por parte dos participantes foi a número 6 – “I did not allow the other

to express themselves freely.”. 73,9% dos participantes discordam fortemente com a afirmação, 18,8% discordam, 4,3% não concordam nem discordam, 2,2% concordam e 0,7% concordam fortemente.

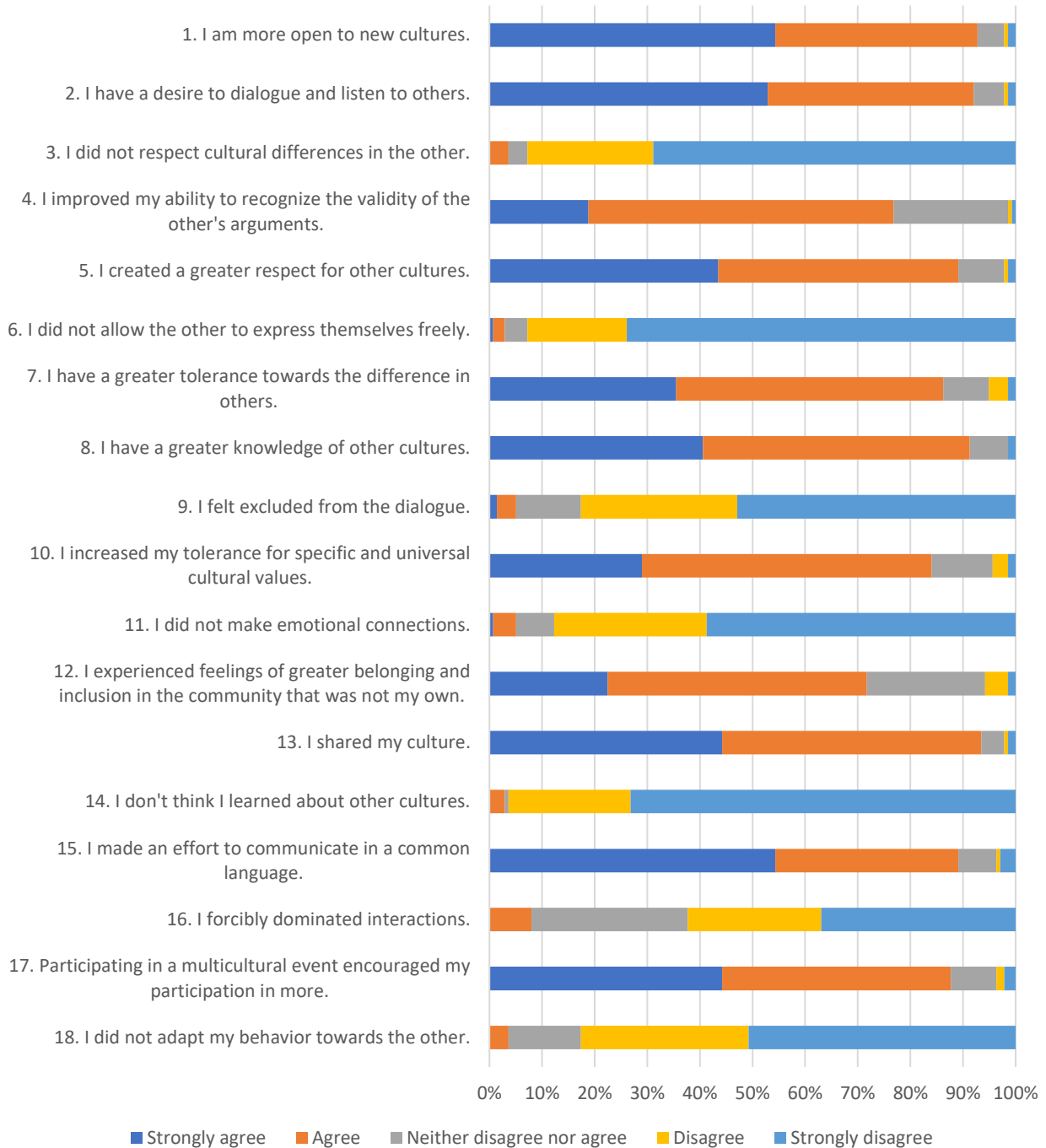


Figura 4 - A percepção dos participantes de eventos culturais

4.5. Discussão dos Dados

Neste ponto procuramos responder à pergunta de investigação e aos objetivos delineados. A pergunta de investigação é “Qual é a percepção que os participantes de eventos multiculturais têm sobre o seu papel na promoção do diálogo intercultural?”. De forma a ser possível compreender se houve um diálogo intercultural bem-sucedido, foram delineados 4 objetivos que permitem analisar a percepção dos participantes destas atividades e se estas foram positivas e enriquecedoras para os mesmos. Através da análise dos dados recolhidos no inquérito é possível inferir que os participantes de eventos multiculturais tiveram maioritariamente experiências positivas, de partilha e aprendizagem nestas atividades, sendo possível concluir que ocorreu diálogo intercultural bem-sucedido.

Os quatro objetivos são os seguintes: compreender o posicionamento dos participantes na escala de Bennett; analisar a percepção que os participantes dos eventos culturais têm sobre o seu papel no desenvolvimento da comunicação intercultural; averiguar se os participantes consideram que o seu conhecimento cultural aumentou após a participação nestes eventos; compreender se os participantes, numa situação intercultural, procuram comunicar numa língua comum.

O posicionamento dos participantes na escala de Bennett mostrou-se tendencialmente etnorelativo. De acordo com a literatura estudada, seria espectável que os estudantes se situassem na parte etnorelativa da escala, uma vez que estando estes estudantes constante contacto com culturas diferenciadas, é previsível que se mostrem mais recetivos a novos contextos culturais. Os participantes têm a oportunidade de viver uma experiência intensa de mobilidade, em que contactam diariamente com outras culturas e uma sociedade que os acolhe com costumes diferentes dos seus. Por isso, nesta experiência é esperado que os estudantes desenvolvam e adquiram competências de diálogo intercultural permitindo que alterem a sua visão e pensamento face a outras culturas, com as suas particularidades, os seus valores, as suas tradições e diferenças, assumindo assim uma posição mais etnorelativa. Os resultados do inquérito aplicado demonstram que os estudantes tendem a concordar mais com as afirmações etnorelativas do que com as etnocêntricas, onde o indivíduo apresenta uma posição mais fechada e individualista em relação aos modelos culturais dos seus pares. Nas afirmações de transição na escala, relacionadas com a fase de diminuição, os inquiridos mostraram concordar também, indicando que tendem a diminuir as diferenças existentes entre si, mostrando mais e maior abertura para a aceitação dos outros.

São características do sucesso do diálogo intercultural a abertura a novas culturas, o desejo de comunicar e aprender com outros, o respeito mútuo e a tolerância pelos valores culturais específicos e universais. Os estudantes inquiridos demonstraram concordar que após as suas experiências em eventos multiculturais, as aprendizagens feitas e as partilhas de saberes, permitiram desenvolver as características essenciais para que ocorra um diálogo intercultural aberto, franco e positivo. Podemos assim inferir que estas atividades permitem que os estudantes desenvolvam as suas aptidões de comunicação, melhorando assim a sua competência intercultural. De um modo geral quando o indivíduo se mostra interessado em conhecer e aprender algo, que a outra cultura pertence, torna o diálogo intercultural mais rico e frutífero.

Após as atividades multiculturais, os intervenientes afirmaram aumentar o seu conhecimento sobre outras culturas. Declararam também terem a oportunidade de partilhar a sua cultura, mostrando-se abertos à partilha em comum. Na partilha e na interação da vivência do dia a dia existem trocas culturais evidentes nas conversas, nas atitudes e até mesmo nas reações a determinadas situações, podendo ser, muitas vezes, alvo de discussão se não forem esclarecidas tendo em conta a diferenciação cultural. Nos eventos culturais esta partilha é intensificada pois a participação na atividade proposta, sendo esta desenhada com o propósito de partilha cultural, indica a motivação prévia de partilha e abertura para o diálogo.

Houve também unanimidade no esforço para comunicar numa língua entendida por todos os participantes, demonstrando, no entanto, preferir comunicar na língua inglesa, por diversos motivos. A facilidade em comunicar em inglês por ser uma língua amplamente ensinada nas escolas a nível mundial, é referido pela maioria dos estudantes, que apresentaram como sendo um dos principais motivos para a preferirem como língua de comunicação em situações multiculturais. A comunicação em inglês facilita um diálogo fluente, uma comunicação esclarecedora e a possibilidade de integração de todos os intervenientes no diálogo intercultural.

Este trabalho permitiu aumentar o estudo do impacto dos eventos culturais nas comunidades multiculturais. Sendo este campo ainda pouco explorado, esta dissertação vem contribuir de forma a compreender se os participantes possuem uma perceção positiva sobre os eventos e o que neles experienciaram. Foi, assim, possível inferir que estas atividades proporcionam experiências positivas e enriquecedoras para os seus participantes, sendo uma peça importante no desenvolvimento do diálogo intercultural e na integração destes membros nas comunidades. Foi também possível verificar que os estudantes estão mais de acordo com as

afirmações que demonstram maior abertura para novas culturas, um desejo maior de dialogar e ouvir o outro, criação de um maior respeito e tolerância por outras culturas e os valores das mesmas, experienciaram sentimentos de pertença na comunidade que os acolhe, fizeram esforços para comunicar numa língua comum e a participação num evento multicultural encorajou-os a participar em mais eventos da mesma índole. Os inquiridos mostraram não concordar com as afirmações que indicam que não respeitaram outras culturas, não permitiram que os outros se expressassem livremente, se sentiram excluídos do diálogo, não estabeleceram ligações emocionais, não aprenderam sobre outras culturas e não adaptaram o seu comportamento ao outro.

Na sua generalidade os resultados enquadram-se com a teoria, havendo apenas um resultado inesperado. O número elevado de participantes que concordam com as afirmações associadas à fase de minimização, na escala desenvolvida por Bennett, não corresponde aos resultados esperados. Sendo esperado que os participantes que já estiverem envolvidos em meios maioritariamente multiculturais, como os estudantes Erasmus, não concordem com as afirmações que diminuem as diferenças culturais existentes. Seria esperado que estes estudantes reconhecessem as diferenças culturais existentes dentro da comunidade multiculturais em que se inserem. Este fenómeno pode ter acontecido pois apenas foi feita uma avaliação breve, podendo as afirmações ser ambíguas. Uma análise mais aprofundada sobre o posicionamento dos mesmos na escala de Bennett seria o recomendado de forma a poder tirar conclusões mais esclarecedoras sobre o assunto.

CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES

Esta dissertação pretendeu estudar e analisar o diálogo intercultural e se os eventos multiculturais ajudam na promoção do mesmo. Procuramos estudar os conceitos de globalização e multiculturalismo, entendendo assim que estes estabelecem uma ligação direta entre si. É com os processos de globalização que existem cada vez mais sociedades multiculturais em que é necessário criar estratégias de integração e partilha de forma a melhorar as suas interações diárias. Abordamos, também, os conceitos de etnocentrismo e de etnorelativismo, sendo o primeiro a dificuldade do indivíduo em se adaptar às diferenças do outro focando-se apenas nos seus modelos culturais, o segundo é o oposto, representa uma abertura a novas culturas e a um diálogo intercultural.

Ao estudar as dinâmicas adjacentes ao diálogo intercultural entendemos que não é um conceito fácil de ser determinado, não existindo uma definição concreta. No entanto, é possível determinar alguns fatores que definem se este foi bem-sucedido ou não, como por exemplo, a abertura de espírito dos participantes, a vontade de dialogar com o outro e o respeito e tolerância mútuos. O diálogo intercultural bem-sucedido ajuda o desenvolvimento da sensibilidade intercultural de cada indivíduo. A sensibilidade intercultural é a capacidade de cada um de experienciar e distinguir diferenças culturais e a adaptação das suas interações ao outro. De forma a definir este conceito Milton J. Bennett estruturou uma escala que permite localizar os indivíduos na mesma. Esta escala possui seis fases, estando estas divididas em dois grupos, um identificando o indivíduo como etnocêntrico e o outro como etnorelativo. Esta escala permite não só posicionar como indicar ao indivíduo como pode evoluir na mesma.

Nas interações multiculturais é por norma utilizada uma língua comum, em que todos os intervenientes se possam expressar de forma clara e fluente. Desta forma surgiu o conceito de língua franca pois identifica uma língua comum falada por todos os elementos de uma comunidade. As ligações efetuadas numa língua de comunicação comum, permitem a abertura do diálogo e a inclusão de mais intervenientes no mesmo, aumentando assim a partilha de saberes de experiências culturais.

O programa Erasmus+ conta já com cerca de 35 anos e foi idealizado pela Comissão Europeia de forma a criar, nas camadas mais jovens, o sentimento de cidadão europeu, melhorar as competências sociais e estudantis e proporcionar a oportunidade de experienciar um período de mobilidade noutra país. Este programa cria assim uma geração nova de jovens que tiveram a

oportunidade de enriquecer o seu currículo académico, social e cultural através do período de mobilidade. Torna-se assim importante mostrar a estes participantes os benefícios que podem retirar da sua experiência, podendo desta forma consolidar as suas aprendizagens e posteriormente aplicá-las nas suas profissões futuras. Através do estudo das preferências e características destas gerações e das futuras é possível compreender a melhor forma de abordar as mesmas e também perspetivar o que esperar no futuro.

As experiências dos estudantes de mobilidade contam muitas vezes com o apoio de associações de lazer, que apoiam a sua estadia e permitem que estes melhorem a sua experiência. Estas associações utilizam estratégias de integração e partilha para que os estudantes possam desenvolver as suas competências interculturais. Nestas estratégias, está presente a organização de eventos culturais com o intuito de gerar interações de convívio, onde a partilha de culturas vai aproximar os participantes. Nestes eventos os estudantes desenvolvem as suas capacidades de autoavaliação, empatia e comunicação intercultural.

De forma a poder comprovar a literatura estudada foi aplicado um inquérito online a pessoas que já tinham realizado períodos de mobilidade. Foram recolhidas 190 respostas, sendo que 142 dessas pessoas realizaram um período de estudos fora do seu país de origem. Através do questionário realizado foi possível concluir que a maioria dos participantes considera que teve experiências positivas e conseguiu partilhar a sua cultura e aprender sobre culturas diferentes da sua. A generalidade dos participantes mostrou-se pertencer ao grupo etnorelativo da escala de Bennett indicando que o seu período de mobilidade contribuiu para a sua abertura para o diálogo com o outro. Segundo a perceção dos participantes, a imersão noutra cultura durante um período de tempo permitiu que estes aumentassem o respeito, tolerância e o conhecimento de outras culturas, aumentando também a vontade de comunicar numa língua comum a todos e participar em mais eventos multiculturais.

Assim, podemos concluir que os eventos multiculturais possuem um papel importante na promoção do diálogo intercultural e na integração e interação entre indivíduos de comunidades culturais diferentes.

CAPÍTULO 6 - REFERÊNCIAS

- Aba, D. (2015). Towards an intercultural communication competence tool for academic mobility purposes. *Journal of Intercultural Communication*. ISSN 1404-1634. Vol. 39. November 2015.
- Aceron, R. & Mundo, L. & Restar, A. & Villanueva, D. (2018). Travel and Tour Preferences of Millenials. *Journal of Economics and Management Sciences*. ISSN 2576-3008. E-ISSN 2576-3016. Vol. 1. No. 2. p.141-151. DOI: 10.30560/jems.v1n2p141.
- Arends-Tóth, J. & Vijver, F. (2003), Multiculturalism and acculturation: views of Dutch and Turkish–Dutch. *European Journal of Social Psychology*. Vol. 33. No. 2. p.249-266. DOI:10.1002/ejsp.143
- Atabong, A. & Baten, L. & Bavieri, L. & Beaven, A. & Borghetti, C. & Čebroň, N. & Bauwens, S. & Bonifazi, W. & Boomans, V. & Krzaklewska, E. & López, N. & Nikolic, T. & Pederiva, D. & Tokova, M. (2008) *ESNSurvey 2008 - Exchanging cultures*. ISBN: 9789082987782. Retirado de: <https://esn.org/ESNSurvey/2008>
- Bennett, M. (1998). *Intercultural Communication: A Current Perspective. Basic Concepts of Intercultural Communication*. Selected Readings. Yarmouth, ME: Intercultural Press.
- Bennett, M. (2012). Turning cross-cultural contact into intercultural learning. *Proceedings of the Universidad 2012 8th International Congress on Higher Education, The University for Sustainable Development*, Feb. 15, 2012, Havana, Cuba.
- Bennett, M. (2017). Developmental Model of Intercultural Sensitivity. *International encyclopedia of intercultural communication*. DOI: 10.1002/9781118783665.ieicc0182
- Bohne, M., 2012. UE Busca Uma Língua Comum: "Inglês Mal Falado" Em Vez De Esperanto, *DW*. Retirado de: <https://www.dw.com/pt-br/ue-busca-uma-l%C3%ADngua-comum-ingl%C3%AAs-mal-falado-em-vez-de-esperanto/a-15683471>
- Brasil, J. & Cabecinhas, R. (2019). Diálogo intercultural e relações intergrupais na Europa: contributos dos Estudos Culturais e da Psicologia Social. *Comunicação e sociedade. Comunicação Intercultural E Mediação Nas Sociedades Contemporâneas*. ISSN: 1645-2089. p. 83-103.

Cairns, D. (2017). The Erasmus undergraduate exchange programme: a highly qualified success story?. *Children's Geographies*. ISSN: 1473-3285. Vol. 15, No. 6. p.728-740. DOI: 10.1080/14733285.2017.1328485

Campehouth, R. (1995) *Manuel de Recherche en Sciences Sociales*. Dunod, Paris. ISBN: 972-662-275-1

Christiansen, L. & Galal, L. & Hvenegaard-Lassen, K. (2017). Organised Cultural Encounters: Interculturality and Transformative Practices. *Journal of Intercultural Studies*. ISSN: 0725-6868. Vol. 38. No. 6. p.599-605. DOI: 10.1080/07256868.2017.1386636.

Colvin, C. & Volet, S. & Fozdar, F. (2013). Local university students and intercultural interactions: Conceptualising culture, seeing diversity and experiencing interactions. *Higher Education Research and Development*. ISSN: 0729-4360. Vol. 33. No. 3. p.440–455. DOI: 10.1080/07294360.2013.841642.

Csobanka, Z. (2016). The Z Generation. *Acta Technologica Dubnicae*. Vol. 6. No. 2. p.63-76. DOI: 10.1515/atd-2016-0012

Cunha A, Santos Y 2017. *ERASMUS'30 – A história do programa e a participação dos estudantes portugueses*. Bookbuilders/Letras Errantes, Lda. ISBN 978-989-99720-8-7

Davies, K. & Ritchie, C. & Jaimangal-Jones, D. (2014). A multi-stakeholder approach: using visual methodologies for the investigation of intercultural exchange at cultural events. *Journal of Policy Research in Tourism Leisure and Events*. ISSN: 1940-7963. Vol. 7. No. 2 p.150-172. DOI: 10.1080/19407963.2014.989857.

Davies, K. (2017) *Exploring the potential of cultural events to facilitate intercultural understanding, global citizenship and peace: A longitudinal case study of Llangollen International Musical Eisteddfod*. Cardiff Metropolitan University. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10369/9571>

Delanty, G. (2011). Cultural Diversity, Democracy and the Prospects of Cosmopolitanism: A Theory of Cultural Encounters. *The British journal of sociology*. Vol. 62. No. 4. p. 633-56. DOI: 10.1111/j.1468-4446.2011.01384.x.

- Diler, A. (2016). Addressing Intercultural Experience and Academic Mobility in Higher Education. *Journal of Intercultural Communication Research*. Vol. 45. No.6. p.487-502. DOI: 10.1080/17475759.2016.1236032
- Dimitriou, C. & AbouElgheit, E. (2019). UNDERSTANDING GENERATION Z'S SOCIAL DECISION-MAKING IN TRAVEL. *Tourism and Hospitality Management*. Vol. 25, No. 2. p. 311-334. DOI: 10.20867/thm.25.2.4.
- Dong, Q. & Day, K. & Collaco, C. (2008). Overcoming ethnocentrism through developing intercultural communication sensitivity and multiculturalism. *Human Communication. A Publication of the Pacific and Asian Communication Association*. Vol. 11, No.1. p.27-38.
- Duran Martinez, R. & Gutiérrez, G. & Llavador, F. & Martínez Abad, F. (2016). The Impact of an Erasmus Placement in Students' Perception of their Intercultural Communicative Competence. *Journal of Intercultural Communication Research*. ISSN: 1747-5759. Vol. 45, No. 4. p.338–354. DOI: 10.1080/17475759.2016.1186721.
- Ferreira, W. (1997). Evento como veículo de comunicação dirigida aproximativo. *Revista Turismo em Análise*. p.13-17. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v8i1p13-17.
- Freixo, M. (2009). *Metodologia Científica*. Instituto Piaget. ISBN: 978-989-659-020-8
- Gallardo, M. & Ganassin, S. & Golubeva, I. & Holmes, P. & Livatino, L. & Osborne, J. & Maele, J. & Vassilicos, B. (2015) IEREST - Intercultural Education Resources for Erasmus Students and their Teachers. *University of Primorska, Science and Research Centre, Annales University Press*. ISBN: 978-961-6964-45-6
- Gerritsen, M. & Nickerson, C. & Van hooft, A. & Meurs, F. & Korzilius, H. & Nederstigt, U. & Starren, M. & Crijns, R. (2010). English in Product Advertisements in Non-English-Speaking Countries in Western Europe: Product Image and Comprehension of the Text. *Journal of Global Marketing*. ISSN: 0891-1762. p.349-365. DOI: 10.1080/08911762.2010.504523.
- Gordon, S. (2018). Evaluating the international dimension in an undergraduate curriculum by assessing students' intercultural sensitivity. *Studies in Educational Evaluation*. p.76-83. DOI: 10.1016/j.stueduc.2018.03.005.

Hammer, M. & Bennett, M. & Wiseman, R. (2003). Measuring intercultural sensitivity: The intercultural development inventory. *International Journal of Intercultural Relations*. No. 27. p.421-443. DOI: 10.1016/S0147-1767(03)00032-4.

Holmes, P. & Bavieri, L. & Ganassin, S. (2015). Developing intercultural understanding for study abroad: students' and teachers' perspectives on pre-departure intercultural learning. *Intercultural Education*. ISSN: 1467-5986. Vol. 26. No. 1. p.16–30 DOI: 10.1080/14675986.2015.993250.

Holmes, P. & O'Neill, G. (2012). Developing and evaluating intercultural competence: Ethnographies of intercultural encounters. *International Journal of Intercultural Relations*. No.36. p.707–718. DOI: 10.1016/j.ijintrel.2012.04.010.

Klak, T. & Martin, P. (2003). Do university-sponsored international cultural events help students appreciate “difference. *International Journal of Intercultural Relations*. No. 27. p.445-465. DOI: 10.1016/S0147-1767(03)00033-6.

Krzaklewska, E. & Krupnik, S. (2008), The Role of the Erasmus Programme in Enhancing Intercultural Dialogue. Presentation of the Results from the Erasmus Student Network Survey 2007. *Proceedings of the 4th International Barcelona Conference on Higher Education*. GUNI - Global University Network for Innovation.

Liu, Y. (2014) Cultural Events and Cultural Tourism Development: Lessons from the European Capitals of Culture. *European Planning Studies*. ISSN: 0965-4313. Vol. 22. No. 3. p.498-514. DOI: 10.1080/09654313.2012.752442

Messelink, H. & Maele, J. & Spencer-Oatey, H. (2015) Intercultural competencies: what students in study and placement mobility should be learning. *Intercultural Education*. ISSN: 1467-5986. Vol. 26. No. 1. p.62-72. DOI: 10.1080/14675986.2015.993555

Neal, S. & Bennett, K. & Cochrane, A. & Mohan, G. (2018). Community and Conviviality? Informal Social Life in Multicultural Places. *Sociology*. Vol. 53. p.69-86. DOI: 10.1177/0038038518763518.

Noversa, D. (2018). A mobilidade como aprendizagem: a mobilidade Erasmus na construção europeia. In E. Araújo, R. Ribeiro, P. Andrade & R. Costa (Eds.), *Viver em/a mobilidade: rumo a novas culturas*

de tempo, espaço e distância. Livro de atas (pp. 173-182). Braga: CECS.

Oliveira, F. & Cabecinhas, R. (2012). Representações e vivências da interculturalidade: Grupos de discussão com jovens em Portugal. *SOPCOM - Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. VII Congresso SOPCOM, Universidade do Porto*. p.2724-2741.

Poit, D. (2006). *Organização de Eventos Esportivos* (4ª ed.). São Paulo: Phorte.

Rodriguez, C. & Bustillo, R. & Mariel, P. (2011). The Determinants of International Student Mobility Flows: An Empirical Study on the Erasmus Programme. *Higher Education*. No. 62. p.413-430. DOI: 10.1007/s10734-010-9396-5.

Rosas, J. (2007). Sociedade Multicultural: Conceitos e Modelos. Europa Desafios e Políticas. *Relações Internacionais*. p.47-56

Sarmento, J. & Pinto, A. & Silva, C. & Pedroso, C. (2011). O Evento Desportivo: Etapas, Fases e Operações. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva*. ISSN 2237-3373. Vol. 1. No. 2. p.78-96.

Schriefer, P. (2016). What's The Difference Between Multicultural, Intercultural, And Cross-Cultural Communication? *Spring Institute*. Retirado de: <https://springinstitute.org/whats-difference-multicultural-intercultural-cross-cultural-communication/>

Silva, M. (2020). O Evento Como Estratégia Na Comunicação Das Organizações: Modelo De Planejamento E Organização. Universidade Estadual De Londrina. Retirado de: https://ead2.iff.edu.br/pluginfile.php/26430/mod_resource/content/2/Modelo%20de%20planejamento%20de%20eventos.pdf

Stevenson, N. (1997). Globalization, National Cultures and Cultural Citizenship. *The Sociological Quarterly*. ISSN: 0038-0253. Vol. 38. No. 1. p.41 - 66. DOI: 10.1111/j.1533-8525.1997.tb02339.x.

Straffon, D. (2003). Assessing the intercultural sensitivity of high school students attending an international school. *International Journal of Intercultural Relations*. No. 27. p.487-501. DOI: 10.1016/S0147-1767(03)00035-X.

Urry, J. (1995). *Consuming Places*. London. Routledge. ISBN 9780415113113.

Valluvan, S. (2016). Conviviality and Multiculture: A Post-integration Sociology of Multi-ethnic Interaction. *YOUNG*. No. 24(3). p.204–221. DOI: 10.1177/1103308815624061

Williams, T. (2005). Exploring the impact of study abroad on students' intercultural communication skills: Adaptability and sensitivity. *Journal of Studies in International Education*. Vol. 9 No. 4. p.356-371. DOI: 10.1177/1028315305277681

Wills, J. (2016). (Re)Locating Community in Relationships: Questions for Public Policy. *The Sociological Review*. Vol. 64. No. 4. p.639–656. DOI: 10.1111/1467-954X.12431

Young, A. & Hinesly, M. (2012). Identifying Millennials' key influencers from early childhood: Insights into current consumer preferences. *Journal of Consumer Marketing*. ISSN 0736-3761. Vol. 29. No. 2. p. 146-155. DOI: 10.1108/07363761211206393.

CAPÍTULO 7 - ANEXO

7.1. Inquérito Online

“This survey is part of an investigation into the promotion of intercultural dialogue that happens in multicultural events. With the growing phenomena of globalization, the presence of several cultures in a single space becomes increasingly evident, so it is essential to study the best way to carry out multicultural communication that allows the integration of everyone.

In order to guarantee total confidentiality, the answers to the questions presented will be only used for this master's dissertation.

Respond as sincerely as possible, choose the option that you consider to be in accordance with your opinion.

Thank you for completing this survey!”

1. Personal Information

a. Age:

- i. 18-25
- ii. 26-35
- iii. 36-45
- iv. More than 45

b. Genre:

- i. Female
- ii. Male
- iii. Other

c. Country of origin:

- i. Country belonging to the European Union:
 - 1. Specify which
- ii. Country belonging to the European Continent:
 - 1. Specify which
- iii. Country outside Europe:
 - 1. Specify which

d. Do you speak any language other than your mother tongue?

- i. Yes
 - 1. If yes, please specify which other languages you speak..
 - ii. No
- e. In an international context do you prefer to communicate in English?
 - i. Yes
 - 1. Please justify your answer.
 - ii. No
 - 1. Please justify your answer.
- 2. International experience:
 - a. Have you ever participated in an Erasmus+ programme?:
 - i. Yes:
 - 1. If yes, proceed to (3
 - ii. No:
 - 1. If you do not proceed to (b.
 - b. Have you ever participated in mobility other than the Erasmus+ programme?:
 - i. Yes
 - 1. If so, which one?
 - 2. Proceed to (c.
 - ii. No
 - 1. Finish the form.
- 3. Intercultural sensitivity:
 - a. Say whether you agree with the following statements:

| | Disagree Completely | Disagree | Neither Agree or Disagree | Agree | Agree Completely |
|--|---------------------|----------|---------------------------|-------|------------------|
| 1. "As long as we speak the same language there is no problem." | | | | | |
| 2. "My biggest problem is navigating cities and ordering from restaurants." | | | | | |
| 3. "When I visit other cultures, I realize how much better mine is!" | | | | | |
| 4. "My culture should be a model for other cultures." | | | | | |
| 5. "Some customs may be different, but deep down they are like us." | | | | | |
| 6. "No matter what people's culture is, the motivations are almost always the same." | | | | | |
| 7. "In a student mobility program, all students must be aware of evident cultural differences." | | | | | |
| 8. "I always try to learn about a country's culture before visiting it." | | | | | |
| 9. "In a student mobility program, all students must adapt to at least some cultural differences." | | | | | |
| 10. "I can maintain my values and behave in a culturally appropriate way." | | | | | |
| 11. "All places can be like home if we know enough about them." | | | | | |
| 12. "In an intercultural world, everyone needs to have an intercultural mindset." | | | | | |

4. Intercultural dialogue

- a. Did you attend multicultural events during your mobility period?

- i. Yes, between 1 to 5
- ii. Yes, between 5 and 10
- iii. Yes, more than 10
- iv. No

1. Why not?

a. Finish form

b. At these events, did you have the opportunity to interact with people from other cultures?

- i. Yes
- ii. No

1. Why not?

a. Finish form

c. Evaluate the expressions according to your perception after participating in these events:

| | Strongly disagree | Disagree | Neither disagree nor agree | Agree | Strongly agree |
|--|-------------------|----------|----------------------------|-------|----------------|
| 1. I am more open to new cultures. | | | | | |
| 2. I have a desire to dialogue and listen to others. | | | | | |
| 3. I did not respect cultural differences in the other. | | | | | |
| 4. I improved my ability to recognize the validity of the other's arguments. | | | | | |
| 5. I created a greater respect for other cultures. | | | | | |
| 6. I did not allow the other to express themselves freely. | | | | | |
| 7. I have a greater tolerance towards the difference in others. | | | | | |
| 8. I have a greater knowledge of other cultures. | | | | | |
| 9. I felt excluded from the dialogue. | | | | | |

| | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|
| 10. I increased my tolerance for specific and universal cultural values. | | | | | |
| 11. I did not make emotional connections. | | | | | |
| 12. I experienced feelings of greater belonging and inclusion in the community that was not my own. | | | | | |
| 13. I shared my culture. | | | | | |
| 14. I don't think I learned about other cultures. | | | | | |
| 15. I made an effort to communicate in a common language. | | | | | |
| 16. I forcibly dominated interactions. | | | | | |
| 17. Participating in a multicultural event encouraged my participation in more. | | | | | |
| 18. I did not adapt my behavior towards the other. | | | | | |